



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-DCH-CAMPUS IV - JACOBINA  
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO PROGRAMA  
REDE UNEB 2000 – NÚCLEO VÁRZEA DA ROÇA**



200

**Várzea da Roça e a Escola Rural: uma história em nossas mãos**

**DILMA MARGARIDA FERNANDES DE ALMEIDA PACHECO  
ROSELI ALMEIDA DE OLIVEIRA  
ORLANDO ALMEIDA PACHECO  
CRISTIANE CAIRES REIS**



**VÁRZEA DA ROÇA**

2007



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-DCH-CAMPUS IV - JACOBINA  
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO DA BAHIA  
PROGRAMA REDE UNEB 2000 – NÚCLEO VÁRZEA DA ROÇA**

**Várzea da Roça e a Escola Rural: uma história em nossas mãos**

**DILMA MARGARIDA FERNANDES DE ALMEIDA PACHECO  
ROSELI ALMEIDA DE OLIVEIRA  
ORLANDO ALMEIDA PACHECO  
CRISTIANE CAIRES REIS**

**VÁRZEA DA ROÇA**

**2007**

**DILMA MARGARIDA FERNANDES DE ALMEIDA PACHECO  
ROSELI ALMEIDA DE OLIVEIRA  
ORLANDO ALMEIDA PACHECO  
CRISTIANE CAIRES REIS**

**Várzea da Roça e a Escola Rural: uma história em nossas mãos**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas Campus IV da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientador: prof. Ms José Alfredo de Araújo.

**VÁRZEA DA ROÇA**

**2007**



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-DCH-CAMPUS IV - JACOBINA  
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ESTADO DA BAHIA  
PROGRAMA REDE UNEB 2000 – NÚCLEO VÁRZEA DA ROÇA**

**DILMA MARGARIDA FERNANDES DE ALMEIDA PACHECO  
ROSELI ALMEIDA DE OLIVEIRA  
ORLANDO ALMEIDA PACHECO  
CRISTIANE CAIRES REIS**

**Várzea da Roça e a Escola Rural: uma história em nossas mãos**

Monografia apresentada para a obtenção de Licenciatura Plena em Pedagogia.

**Várzea da Roça, 18 de janeiro de 2008**

Banca examinadora:

Prof. Ms. José Alfredo de Araújo

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Prof. Dr. Antenor Rita

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

## DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a todos aqueles que fazem de sua vida uma construção diária pela melhoria deste mundo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, criador do universo, autor da vida, que nos deu a oportunidade de iniciar este curso e forças para concluí-lo. Pois sem Ele não estaríamos agora escrevendo estas palavras de agradecimentos. Porque, Dele, por Ele, para Ele são todas as coisas, inclusive a nossa vida.

Aos nossos pais (alguns in memória) que, mesmo com todas as dificuldades e limitações, não pouparam esforços para nos educar e oferecer as condições necessárias para que estudássemos.

Ao professor José Alfredo de Araújo, por suas orientações que foram fundamentais para garantir a focalização das discussões, interlocutor interessado em participar de nossas inquietações, pelo constante incentivo sempre indicando a direção a ser tomada nos momentos de maiores dificuldades.

Aos coordenadores pela perseverança em manter o curso, apesar das dificuldades encontradas.

Às professoras orientadoras pela paciência e incansável disposição em colaborar e ajudar a todos.

Aos nossos professores que transmitiram conhecimentos valiosos, sempre dando apoio e motivação.

Ao professor Antenor Rita que nos incentivou a seguir em frente, acreditando ser possível trabalhar com o tema desta monografia.

A todos os colegas de turma pelos agradáveis momentos vividos e pelo elo de amizade formado.

Às pessoas que ao serem entrevistadas contribuíram ricamente com seus relatos.

A todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para realização desta pesquisa

De forma peculiar aos fundadores da Cidade de Várzea da Roça, o Sr. José Mendes que nos descreveu toda a trajetória vivenciada no processo de formação da cidade e da Escola Rural, e os Senhores José Cerqueira, José Coelho e José Bastos, in memória.

E em especial, às professoras Adélia Mendes e Clélia Oliveira por serem as pioneiras da educação local, responsáveis pela introdução de crianças e adultos varzeanos no mundo letrado e por utilizarem tempo e habilidade para nos direcionar no caminho de volta ao passado.

## EPÍGRAFE

*“O mundo está nas mãos daqueles  
que tem a coragem de sonhar e correr o  
risco de viver seus sonhos”*

Paulo Freire

## RESUMO

A presente Monografia aborda o processo de formação do povoado de Várzea da Roça - Ba, no ano de 1946, bem como a implantação da Escola Rural por ser esta, a primeira instituição oficial de ensino. Para tanto, optamos por trabalhar com o tema: *Várzea da Roça e a Escola Rural: uma história em nossas mãos*. A escolha do tema originou-se por detectarmos que a falta de registros escritos resultou em versões diferenciadas da sua construção histórica e também para situar a criação da Escola Rural, nosso objeto em estudo. Nesta perspectiva, priorizamos a História Oral, uma vez que esta permite um leque de informações, valorizando vozes que foram esquecidas no processo histórico de Várzea da Roça. Utilizamos também as investigações de outras fontes no percurso da pesquisa pra melhor compreensão dos fatos. Na construção desta narrativa histórica nos apoiamos nas discussões sobre a relação, memória, história oral, cidade, educação e escola. Metodologicamente utilizamos uma abordagem qualitativa por acreditarmos ser adequado ao nosso objeto de estudo, e ao mesmo tempo por ser instigante, dinâmica e muito desafiadora.

**Palavras-Chaves:** Memória – Várzea da Roça – educação – Escola Rural.

## ABSTRACT

To present Monograph it approaches the process of formation of the town of Meadow of the Country - Nanny, in the year of 1946, as well as the implantation of the Rural School for being this, the first official institution of teaching. For so much, we opted to work with the theme: Meadow of the Country and the Rural School: a history in our hands. The choice of the theme arose for we detect that the lack of written registrations resulted in differentiated versions of his/her historical construction and also to place the creation of the Rural School, our object in study. In this perspective, we prioritized the Oral History, once this allows a fan of information, valuing voices that were forgotten in the historical process of Meadow of the Country. We also used the investigations of other sources in the course of the research for better understanding of the facts. In the construction of this historical narrative we leaned on in the discussions about the relationship, memory, oral history, city, education and school. Metodologicamente used a qualitative approach for we believe to be adapted to our study object, and at the same time for being instigante, dynamics and very challenging.

**Key Word:** Memory - Meadow of the Country - education - Rural School.

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	13
<b>CAPITULO I</b>	
<b>Percorrendo Pistas e Veredas</b> .....	16
<b>Metodologia</b>	
<b>Na busca do conhecimento, os parceiros da jornada</b> .....	20
<b>Marco Teórico</b>	
<b>CAPITULO II</b>	
<b>Memória e oralidade: união para compreender o passado e o presente</b> .....	22
<b>Várzea da Roça: descortinando a janela do passado</b> .....	29
<b>CAPITULO III</b>	
<b>Os (des)caminhos da educação no Brasil</b> .....	45
<b>Escola Rural: a eclosão educativa numa trajetória de perda identitária</b> .....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	62
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	63
<b>ANEXOS</b> .....	65

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa do Município de Várzea da Roça.....	30
Figura 02 – Cidade de Várzea da Roça.....	31
Figura 03 – Palmeira do Ouricuri.....	32
Figura 04 – Sr. José Mendes, o mentor da cidade.....	33
Figura 05 – Foto do local, próximo à lagoa, onde foi construído o barracão.....	34
Figura 06 – Sr. José Cerqueira, um dos fundadores da cidade .....	35
Figura 07 – Sr. José Bastos, um dos fundadores da cidade .....	37
Figura 08 – Praça José Coelho, o núcleo da cidade.....	39
Figura 09 – Praça José Coelho, transforma-se em centro comercial.....	40
Figura 10 – Igreja Católica (atual) .....	42
Figura 11 – Rua Carlos Nunes, uma das ruas tortas.....	42
Figura 12 – Praça José Coelho, local onde funcionava a feira livre .....	43
Figura 13 – D. Adélia Mendes, primeira professora (leiga).....	49
Figura 14 – Escola Rural de Várzea da Roça.....	52
Figura 15 – D. Clélia Silva de Oliveira, primeira professora (formada).....	53
Figura 16 – Capa das provas de um ex-aluno em 1957.....	54
Figura 17 – Escudo da Escola Rural Joana Angélica.....	55
Figura 18 – Igreja Católica, Pça. José Coelho em 1975.....	55
Figura 19 – Prof. Tarcília. Evangelista Andrade.....	57
Figura 20 – Desfile Cívico em 7 de setembro de 1968.....	58
Figura 21 – Mercado Municipal na Praça Alfredo Navarro (local da escola).....	59
Figura 22 – A Escola Estadual Governador Antonio Carlos Magalhães.....	60

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A presente monografia se origina, a priori, como pré-requisito para obtenção da Graduação Plena em Pedagogia, projeto Rede UNEB – 2000, na cidade de Várzea da Roça - Ba.

Partindo desta obrigatoriedade acadêmica, esta pesquisa se manifesta como suporte para investigação da origem histórica da cidade de Várzea da Roça, na qual se localiza o nosso objeto de estudo, a Escola Rural. Conforme BOSI, “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como ponto de demarcação em sua história [...]”<sup>1</sup>.

Por percebermos que só através de uma análise profunda, poderíamos resgatar e discernir entre algumas versões existentes como se deu o surgimento da cidade e da escola é que optamos pelo tema Várzea da Roça e a Escola Rural: uma história em nossas mãos.

Nesse contexto, a presente pesquisa evidencia a urgência em se aproveitar a riqueza de memória ainda presente daquele recorte temporal, para documentar a história de como se originou o povoado, destacando a implantação da Escola Rural<sup>2</sup>, relatando o seu percurso histórico e a relevância desta para a população varzeana.

A obtenção desse resgate implica lidar com vários espaços existentes em um outro tempo e que só têm sentido no tempo atual, porque narrados pelos anciãos, que os percorreram no passado. Para MEIHY a História Oral é:

Um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a ser entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações; transcrição; conferência fita com o texto; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, publicação dos resultados, que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.<sup>3</sup>

As pesquisas realizadas e que utilizam fontes orais, nos mostra que é

<sup>1</sup> BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 5ª edição. São Paulo. Companhia das Letras, 1998, p. 418.

<sup>2</sup> A primeira escola da cidade, de grande relevância para seus munícipes.

<sup>3</sup> MEIHY, José Carlos S. B. Manual da História Oral. 5ª edição. São Paulo. Edições Loyola, 2005, p.17-18.

possível fazer uma relação da História Oral com os objetivos da sociedade, fazendo-nos perceber que ambas podem estar ligadas diretamente, permitindo, através do passado, a construção de novas formas de disseminação das análises e interpretação da História.

Ao estudar os desafios da história oral, Lucília Neves expressa: "São as vozes do passado atualizadas no presente, que presenteiam o futuro com a fonte maior da vida: a memória".<sup>4</sup>

Nesse contexto, optamos por trabalhar com a periodização referente às décadas de 1940-1960, por se tratar da época em que ocorreu todo o processo histórico anteriormente mencionado. Principalmente por estar inserida nesta temporalidade a implantação da Escola Rural, que teve uma influência preponderante nos costumes, na educação e até mesmo nos hábitos sociais da comunidade. Como afirma Luckesi:

[...]. A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo, ela necessita de pressupostos, de conceitos que fundamentem e orientem os seus caminhos. A sociedade dentro da qual ela está deve possuir alguns valores norteadores de sua prática.<sup>5</sup>

Partindo da conjectura de que da infância à maturidade a prática escolar, exerce seu papel sobre o cidadão, deixando sua marca indelével na personalidade de cada um, é mister destacarmos a Escola Rural como objeto de estudo e reflexão por ter sido a primeira instituição regular de ensino em Várzea da Roça. Isto não significa que outras instâncias educacionais, tais como família, comunidade, grupo social, etc. não tenham também um papel significativo.

Diante das concepções explicitadas e com o intento de registrar as informações coletadas, a presente monografia se estrutura em três capítulos assim constituídos:

O primeiro capítulo aborda a metodologia utilizada na execução deste trabalho, relatando com detalhes, tanto os entraves quanto às conquistas obtidas na coleta, além da riqueza de expressão e de informações contidas nos relatos orais; expressa também, a influência dos renomados autores que foram preponderantes

<sup>4</sup> NEVES, Lucília de Almeida. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br>. Acesso Em: 27/08/2007.

<sup>5</sup> LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. Cortez Editora, 9ª reimpressão. São Paulo, 1994. P. 30-31.

em nossas leituras, como daqueles ainda desconhecidos, mas nem por isso menos importantes, que contribuíram imensamente.

O segundo capítulo destina-se à construção de referenciais sobre o passado e o presente, ancorados na memória histórica e na oralidade, além de fazer emergir o processo de fundação da cidade de Várzea da Roça.

O terceiro capítulo, a partir de uma sucinta abordagem acerca de educação, ensino e escola, destaca a implantação da Escola Rural como um marco de valor imensurável para Várzea da Roça.

Nas considerações finais apresentar-se-á uma exposição sintética das discussões abordadas no transcorrer da pesquisa.

## CAPITULO I

### Percorrendo Pistas e Veredas

#### Metodologia

Uma pesquisa é de alguma forma, a escolha de um objeto de estudo. É também um caminho trilhado por alguém cujo olhar percorre lugares muitas vezes já visitados. Contudo, as visões que cada um tem, a apropriação de uma dada realidade e do conhecimento adquirido, são estritamente pessoais.

Por ser esta pesquisa em educação, metodologicamente optamos por trabalhar com a perspectiva qualitativa, a qual embora impondo dificuldades, revelou-se uma abordagem pertinente ao tema em estudo, por se tratar de um método instigante, dinâmico, e ao mesmo tempo desafiador. Característica esta da pesquisa qualitativa documental, que de acordo José Luis Neves:

É constituída pelo exame de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar. Pode oferecer base útil para outros tipos de estudos qualitativos e possibilita que a criatividade do pesquisador dirija a investigação por enfoques diferenciados.<sup>6</sup>

Para a realização desse estudo com base na pesquisa qualitativa delimitamos através de um recorte temporal e espacial o objeto de estudo, selecionamos os sujeitos que iriam compor o universo da investigação e realizamos as entrevistas, para chegar à compreensão mais ampla do problema delineado.

Enfim, buscamos as informações históricas utilizando predominantemente, mas não exclusivamente, relatos orais e histórias de vida, que são ao mesmo tempo, fonte e produção dessa pesquisa, além de material de acervo para outras investigações que venham a se fazer no futuro.

Colocamos em evidência a importância do registro da oralidade, por ser uma maneira rica e dinâmica para se discutir diversas questões, também dotadas de flexibilidade que permite uma maior interação com os informantes e, ainda, uma

<sup>6</sup> NEVES, Luis José. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br>. Acesso em 25/08/2007.

prática que possibilita conhecer e recuperar a trajetória urbana pela ótica de seus moradores e também para divulgá-la a um público mais vasto. Ferreira e Amado, a esse respeito evidenciam:

A história oral continuará a explicitar, de várias maneiras, aspectos de nosso passado e a moldar sua expressão em nossas culturas. De fato é precisamente porque, em seu aspecto mais positivo, o relacionamento da história oral facilita a rememoração dinâmica e a interação de "historiadores" e "comunidades" [...].<sup>7</sup>

Nesse contexto, é preponderante destacar a relevância de sensibilizar a comunidade para a valorização do resgate histórico, e da contribuição daqueles que fazem e participam da compreensão deste objeto de pesquisa aqui proposto para o conhecimento de parte da educação em Várzea da Roça.

É importante salientar que não privilegiamos apenas os "heróis", "autoridades" e "fatos marcantes", que "produzem a história", mas também as pessoas consideradas "comuns" que possuem um conhecimento de mundo, construído a partir de seu cotidiano, revisitando suas memórias bastante significativas para serem ignoradas.

Como justificativa a essa pretensão, recorreremos ainda a Ferreira e Amado: "A história oral seria inovadora primeiramente por seus objetos, pois dá atenção especial aos dominados, aos silenciosos e aos excluídos da história (mulheres, proletários, marginais etc. [...])"<sup>8</sup>

Dessa forma, procuramos eleger um grupo de entrevistados que é referência para a história de Várzea da Roça, tanto por sua trajetória individual, quanto pelo que essa trajetória reúne em informações e vivências sobre os seus espaços tanto geográficos quanto sociais.

São personagens conhecidos pelo município e que ao traçar suas histórias, desenharam imagens sobre a cidade, levando-nos a percorrer muitos tempos, espaços e sentimentos. Assim, nos permitiram uma rica aproximação daquele recorte temporal.

É imprescindível ressaltar o privilégio que tivemos em ouvir e partilhar das emoções contidas nos relatos do mentor de Várzea, Sr. José Mendes. Como também, a riqueza de memória que a tecnologia pôde nos proporcionar, uma vez

<sup>7</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes e Janaína Amado. Usos & Abusos da história oral. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 91.

<sup>8</sup> Idem, p. 4.

que o Sr. José Cerqueira<sup>9</sup>, embora já se encontre em um outro plano espiritual (falecido em 2007) nos “falou” acerca da origem da cidade e de sua atuação neste processo, através de uma fita K-7 gravada em 1997, em um encontro de educadores na Escola Municipal Centro Educacional Pe. João Farias.

Além dessas raras exceções, foram entrevistados parentes dos outros fundadores, comerciantes, tropeiros, lavradores, ou seja, pessoas que conheceram e acompanharam a evolução da cidade, como também professores e alunos da Escola Rural.

Vale ressaltar que embora as fontes orais permitam uma abrangência no que concerne à identidade local foi imprescindível consultarmos outros suportes de pesquisas relacionados ao tema em pauta. Isto porque o ato de lembrar não é simplesmente reviver o passado. As recordações são imagens construídas pelos materiais que estão à nossa disposição, de maneira que representam nossa identidade atual.

Assim, como se trata de trabalhar com memória, buscamos explorar uma gama de documentos pertinentes: fotos, cartas, mapas, leis, enfim:

(...) todo e qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade. Entrevistas esporádicas, gravações de músicas, registros sonoros de ruídos, absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui em documento ou fonte oral. MEIHY<sup>10</sup>

Diante dessa objetividade, requisitamos as informações inerentes dos órgãos públicos, Prefeituras e Câmaras de Vereadores (de Mairi), com fins em fundamentar a pesquisa nas Leis que legitimaram a estrutura e o desenvolvimento geográfico, social e educacional do Município.

Visitamos ainda, Instituições educacionais como a DIREC<sup>11</sup>, na cidade de Jacobina, a qual nos forneceu informações inerentes à Escola Rural.

Entretanto, concordamos que este trabalho não estabelecerá conhecimentos definitivos, plenos, perfeitos e acabados. Estes conhecimentos são seletivos e limitados, haja vista que a tarefa de conhecer é sempre infinita e, por mais ampla que seja a pesquisa, ela atingirá apenas parte de um todo. Dessa forma Ferreira e Amado cita:

<sup>9</sup> Um dos fundadores de várzea da Roça

<sup>10</sup> MEIHY, José Carlos S. B. Manual da História Oral. 5ª edição. São Paulo. Edições Loyola, 2005, p. 21.

<sup>11</sup> Diretoria Regional de Educação - 17

Sabemos que a história do tempo presente, mais do que qualquer outra, é por natureza uma história inacabada: uma história em constante movimento, refletindo as comoções que se desenrolam diante de nós e sendo portanto objeto de uma renovação sem fim. Aliás, a história por si mesma não pode terminar.<sup>12</sup>

Ainda que não possamos reviver as lembranças narradas por não compartilharmos daquele espaço temporal descrito, partilhamos sim, de uma cidade em que a relação de memória e de história vem resgatar através deste trabalho e por meio de um discurso, de um monumento, de uma imagem, a objetividade dos momentos que estes se procederam.

Nesse contexto, a presente pesquisa trás como tema Várzea da Roça e a Escola Rural: uma história em nossas mãos, focalizando o seguinte problema:

Que mudanças educacionais ocorreram em Várzea da Roça com a implantação da Escola Rural e como esta perdeu sua identidade uma vez que já não existe enquanto espaço construído, e sim enquanto memória?

Almejando encontrar respostas às inquietações acima elencadas, esse estudo tem como objetivo resgatar parte da memória histórica da cidade de Várzea da Roça e, conseqüentemente, da Escola Rural.

---

<sup>12</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes e Janaina Amado. Usos & Abusos da história oral. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 229.

## Na busca do conhecimento, os parceiros da jornada.

### Marco Teórico

Durante todo o processo de execução desta pesquisa, consultamos autores que nos auxiliaram na abordagem temática pertinente à história oral, cidade, memória e educação. Essa discussão com os autores possibilitou a obtenção de respostas condizentes às inquietações do grupo pesquisador em momentos distintos da investigação. Para tanto, recorreremos a livros, artigos, monografias, teses, entre outros suportes teóricos, além dos relatos orais pelos antigos moradores de Várzea da Roça, memória viva da cidade.

Mediante esta pesquisa que envolve a memória de um povo, um dos autores que contribuiu para que tivéssemos uma visão mais ampla nessa abordagem foi Ecléa Bosi. Em seu livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, relata que o homem jovem, ativo, em geral não se ocupa com lembranças, não tem tempo com a leitura dessas, não valoriza essa função social. Em consequência disso, ocorre um esvaziamento e uma desvalorização dessa etapa da vida.

Outra leitura importante para enriquecer nosso trabalho foi a do autor Nonato Pereira, que traz uma narrativa a respeito da relação história e memória, reverenciando em nosso pensamento, o reviver a história do passado no tempo presente, abordando a continuidade e a resistência da memória na vida e identidade das futuras relações.

Obtivemos ainda, informações imprescindíveis à nossa pesquisa com a colaboração da obra de Otaiza Romanelli, a qual faz uma investigação no histórico da educação brasileira. Em sua obra, a autora expõe uma discussão acerca do ensino de forma abrangente proporcionando assim, a percepção das distorções no processo educacional e descreve os reflexos ainda vigentes neste âmbito.

Ainda como contribuição das interpretações apresentadas, destacamos Luckesi que nos “emprestou” seu conhecimento acerca da Filosofia da educação, percebendo-a como aquela que trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade. Apontamos essa objetividade em nossos relatos, quando se evidenciou a necessidade de uma instituição escolar em Várzea

da Roça, assim que esta acelerou o seu crescimento populacional.

Luckesi enfatiza, ainda, uma relação necessária entre Filosofia e educação com vistas a se realizar uma ação educativa refletindo-se de forma consciente sobre o que se faz. "Filosofia e educação, pois, estão vinculadas no tempo e no espaço. Não há como fugir a essa "fatalidade" da nossa existência".<sup>13</sup>

Não poderíamos deixar de aqui registrar, também, uma leitura que se tornou indispensável para nós que realizamos um trabalho com ênfase na oralidade. O Manual de História Oral, de Meihy, com abordagens interessantes acerca do cuidado que o pesquisador deve ter ao realizar entrevistas, para que estas não sejam transformadas em seu teor. Além disso, há uma discussão sobre oralidade e fontes orais que, segundo o autor, tem definições distintas.

Deve-se notar a distinção entre oralidade e fontes orais. Apesar de ser comum a confusão entre as duas manifestações elas diferem: A primeira é manifestação espontânea, sem intenção de registro; a segunda só é "fonte" porque foi registrada mecanicamente com intenção de registro. A oralidade pode tornar-se fonte desde que seja materializada em gravações e usada intencionalmente.<sup>14</sup>

Outras leituras que foram importantes para a nossa pesquisa, referem-se aos textos obtidos de diversos sites. Entre eles, alguns autores de obras editadas já conhecidas e outros que permanecem ainda no anonimato, mas que nos auxiliaram com seus trabalhos científicos (artigos, teses, monografias).

Mesmo tendo consciência da relevância destes autores anteriormente citados, restam-nos abordar a "preciosidade" das fontes orais onde os entrevistados expressaram suas vivências, recuperando suas trajetórias de vida, retalhos do cotidiano que guardam a especificidade da relação que cada um estabelece com Várzea da Roça.

<sup>13</sup> LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da Educação. Op. Cit. p. 33.

<sup>14</sup> MEIHY, José Carlos S. B. Manual da História Oral. Op. Cit. p. 20

## CAPITULO II

### Memória e oralidade: união para compreender o passado e o presente.

É procurando entender a memória de um local/povo que buscamos no passado as pistas que nos conduzirão ao presente. E ao fazermos comparações, deparamo-nos com as mudanças percebidas na forma de organizar a sociedade, de trabalhar, de distribuir riqueza, nos costumes, e até mesmo nas condições de vida e suas possibilidades para o futuro.

Sendo assim, é plausível a constatação de que a história de uma cidade ou de um determinado espaço encontra-se na memória - quando ela provoca lembranças - dos atores sociais habitantes ou visitantes, que foram esquecidos ou silenciados pelo processo de modernização. A esse respeito ECLÉA BOSI coloca: "A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembranças".<sup>15</sup>

Uma cidade demonstra sua memória também, através dos objetos característicos de um período temporal ainda presentes com os descendentes de povos que ali viveram ou ainda vivem. São artesanatos em madeiras, vidro, cerâmica, barro, enfim, são marcas onde repousam fragmentos de um tempo remoto. Porém, não é possível refazer ou reviver o passado em sua totalidade. Ficam sempre algumas lacunas a serem preenchidas. Walter Benjamin enfatiza que é impossível recuperar totalmente o que foi esquecido.

No entanto, é admissível que realidades possam ser modificadas neste percurso, uma vez que a cidade está sempre em mudança e seu passado pode ser reinventado com as novas intervenções que falam de um outro tempo. Porém, faz-se necessário um saber sobre o que nela ocorreu, em termos de acontecimentos, práticas sociais, como se deu a ocupação do espaço, como os habitantes viveram e quais as iniciativas levadas a efeito por aqueles atores responsáveis pela transformação do seu território etc.

Para que possamos lidar com esta temporalidade nos centros urbanos é

<sup>15</sup> BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. Op. Cit. p.53

necessária bastante atenção, pois ali os tempos são heterogêneos. O bom observador poderá com sua sutileza descrever uma cidade oculta ou esquecida, aquela que muitos vêm e outros não observam, na sua grande maioria. Perceberá, ainda, as cidades do desejo, equilíbrio, utopia. A cidade idealizada por muitos e realizada por poucos, o seu progresso, o seu fracasso, o tempo passado e que muitos não conseguem ver.

São locais dotados de carga simbólica e que evocam lembranças impregnadas de sentidos, que fazem de cada cidade um território urbano qualificado. As pessoas que ali vivem constroem sua identidade a partir do que é real e objetivo no seu cotidiano, que se perpetua e que funciona como padrões de referência identitária de uma comunidade.

Este passado tem a sua presença garantida nas imagens ainda preservadas no seu centro histórico. Dali pode-se abstrair o crescimento do presente para a formação da sociedade futura, a partir da formação de pontos relevantes na cidade como ruas e praças, que demarcam o passado ainda preservado e impregnado nos sonhos e segredos de gerações, do passado e do presente. A esse respeito externa, Almandrade:

[...]. Uma cidade não é feita somente do desenho de ruas e arquiteturas, ela é feita também de sonhos, segredos, interpretações objetivas e subjetivas que vão se armazenando no seu desenho. Bairros, praças, ruas, edificações, monumentos e até mesmo seus respectivos nomes, documentam a ficção vivida de uma cidade. A memória de uma cidade é também a memória de seus habitantes [...]<sup>16</sup>

Assim sendo, podemos classificar o centro da cidade e toda simbologia ali existente, como a vitrine de uma geração passada, muitas vezes esquecida. Nesse sentido, Pesavento aborda:

[...] o tempo mais difícil é o do esquecimento. Tempo que finge não ter existido, soterrando as lembranças. Talvez, por isso mesmo, seja o mais procurado por historiadores teimosos, que insistem em indagar dos silêncios e em tentar preencher as lacunas e os vazios do passado de uma cidade.<sup>17</sup>

Na construção e formação das cidades ficam marcas da história de onde se pode correlacionar à sua memória, narrando um passado ou retomando a um

<sup>16</sup> ANDRADE, Antonio Luiz M. Disponível em: <http://socultura.com/socultura-artigo29>. Acesso em 01/06/07.

<sup>17</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Disponível em: <http://www.nuevomundo.revies.org>. Acesso em 02/06/07.

recorte da sua temporalidade já esvaída. Segundo Pesavento: “o tempo passado não é irrecuperável uma vez que, através do imaginário, se faz presente no espírito, dando-se a ler e ver através de discursos e imagens”.<sup>18</sup>

Como as cidades desenvolvem-se em crescimentos desordenados, partindo do centro para a periferia, os espaços centrais, por serem os mais antigos, são os primeiros a sofrerem a deterioração sejam por vândalos, pichadores, ação do tempo ou reformas da modernidade. Neste sentido, “(...) o movimento centrífugo de crescimento, do centro para fora e para os subúrbios, ameaça a memória, produz o esquecimento, destrói os significados” Pesavento<sup>19</sup>. Mesmo assim, suas marcas existentes fazem rebrotar no presente o anseio daqueles que re-viveram, o tempo decorrido.

A camada social seja ela composta por sua estirpe de grau maior ou menor, é quem determina as lembranças memoráveis na sua forma de expressão. É partindo desta premissa, que os grupos sociais são determinados e determinantes no tocante a construir as suas histórias. Portanto os indivíduos são semelhantes socialmente, independentes das suas posições, no que concerne aos acontecimentos em que estão envolvidos direta ou indiretamente, e que têm grande relevância em seu conjunto. Nesta contextualização:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens.<sup>20</sup>

É pertinente investigar também as mudanças ocorridas devido ao crescimento populacional que reúne em um espaço coletivo, pessoas com hábitos, crenças e culturas diferenciadas, as quais paulatinamente vão expondo suas idéias, anseios e convicções, na construção de uma identidade social/cultural, edificando novos modos de vida.

Percebe-se, entretanto que uma cidade não consiste apenas de seu espaço físico, mas é constituída, sobretudo pelas pessoas que ali vivem e das relações de afetividade entre si. São estes espaços dotados de significados que

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Idem.

<sup>20</sup> MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. apud Le GOFF. 1994, pág. 477. Disponível em: <http://www.fja.edu.br>. Acesso em: 01/06/2007.

fazem de uma cidade um território urbano qualificado evocando personagens, ações e histórias de um tempo passado que serviram como base para a identidade do município e do seu povo.

Em muitas das narrativas, os entrevistados têm uma relação da história do passado com sua própria existência, pois dentro de cada um brota a revelação de um tempo que ainda traz lembranças e emoções vividas, onde jamais retornarão. Vale ainda lembrar que a memória se apresenta como uma das ferramentas culturais mais relevantes para o processo de formação de um povo.

É a partir desta “bagagem” de experiências, conhecimento e leituras acumuladas que se potencializa a interpretação dos rastros do passado. É a posse das informações contidas com temporalidades e espaços definidos, que possibilitarão brotar, dos recortes de entrevistas e depoimentos colhidos através de fontes orais, as lembranças compartilhadas e aproveitadas por dada coletividade, na construção do histórico local. A este respeito, relata Latif Cassab:

(...) evidenciar o passado no presente imediato das pessoas, através dos depoimentos orais, constitui essa possibilidade de reconstrução e compreensão da história humana. Neste sentido, a memória, a experiência e o tempo são fundamentais para essa recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu. Memória no sentido de fonte do passado no presente, como busca daquele tempo no agora, transcendendo a mera cronologia, possibilitando assim, revisitar o passado no presente, restabelecer uma ligação com o passado, e que este possa ser salvo naquilo que tem de fundamental. O movimento de mergulhar em busca da experiência perdida, de saltar para trás em direção ao passado, poderá permitir a erupção de algo novo.<sup>21</sup>

Essas reminiscências da história são reproduzidas via memória. Portanto, podemos afirmar que memória e história se entrelaçam para emergir em um mesmo plano de fatos e acontecimentos. E neste sentido, Philippe Joutard descreve como sendo memória e história duas vias paralelas de acesso ao passado.

Evidenciamos, portanto, que história e memória são, ambas, narrativas do passado que presentificam uma ausência, dada a uma temporalidade já escoada.

Valorizar esta relação entre passado e presente, entre história e temporalidade, destaca a importância da memória para se compreender esta intensa conexão entre objeto e tempo nessa busca da verdade.

Segundo Pollack (1989), a História Oral ao privilegiar a memória dos

<sup>21</sup> CASSAB, Antonia Latif. Apud BORELLI. 1992, 81. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br>. Acesso em 02/06/2007.

excluídos, das minorias, destaca a importância das memórias subterrâneas, permitindo que pessoas excluídas da história oficial possam ser ouvidas, deixando registrada para as futuras gerações sua visão de mundo e também do grupo social a que pertencem.

A relação com a memória é um aspecto construtivo de toda e qualquer sociedade. É um objeto de estudo para obter referências sobre o passado. Vale salientar que a memória nem sempre foi vista com um olhar histórico e que passou por um processo até tornar-se um arquivo das lembranças individuais e coletivas.

Neste processo, por privilegiarmos a oralidade como nosso principal veículo de pesquisa, faz-se necessário discorrer sucintamente sobre a história oral.

Nas sociedades ágrafas a memória tem uma importância significativa para preservar a cultura e os costumes dos povos. Antes do aparecimento da escrita, todo conhecimento era transmitido oralmente. A memória era o único recurso de que dispunham as culturas orais, em que os conhecimentos eram passados às futuras gerações. A inteligência estava relacionada a memória, assim os mais velhos eram considerados como os mais sábios, uma vez que detinham as experiências de vida. “(...) O exercício e a prática da oralidade tem um espaço privilegiado, como uma forma de instrumentalizar a participação da comunidade no propósito de fazer valer o seu direito a memória (...)” Souza<sup>22</sup>

Assim uma das funções adquiridas com o surgimento da escrita foi a de guardar e circular o conhecimento e a informação que foram impressos em materiais como livros, revistas, jornais entre outros.

Vale ressaltar ainda, que a chegada da imprensa foi relacionada ao processo de evolução da sociedade atual que vislumbrou nessa prática, além da preservação do conhecimento, uma maneira de conservar a história e manter viva a memória. Neste sentido Marcelo Franco informa:

Outra grande transformação veio com a invenção da imprensa. A cópia de manuscritos nunca foi eficiente e produtiva. A imprensa transformou o livro em um produto mais barato e de cópias idênticas. Além disso, foi com a imprensa que se consolidou uma idéia que apenas se insinuava nos manuscritos, a de uma obra fechada, terminada e datada. A imprensa marca de forma mais brusca a ruptura entre um pensamento ainda com resquícios de oralidade para o pensamento analítico nascido da escrita.<sup>23</sup>

<sup>22</sup> SOUZA, José Amilton de. Disponível em: <http://www.senasa.sp.gov.br>. Acesso em: 20/06/07.

<sup>23</sup> FRANCO, Marcelo. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br>. Acesso em 20/06/07

A importância do registro está relacionada como ferramenta de identidade, pois o homem passou a reconhecer sua própria história através da memória. O esforço em registrar e preservar a memória tem se fortalecido com os avanços tecnológicos, a fim de que tais bens culturais não fossem esquecidos.

Vale ressaltar que embora a imprensa tenha sido um fator decisivo na expansão do livro, a informatização da palavra veio revolucionar como um recurso ainda mais sofisticado. A este respeito Marcelo Franco evidencia:

Não é uma avaliação discrepante considerar que na última década ocorreu uma das mais importantes evoluções tecnológicas do século, mesmo considerando outras igualmente grandiosas. Este acontecimento díspar foi o surgimento da Web. Foi o momento em que o computador passa de um objeto isolado para a forma de um conjunto técnico. Computador e rede se confundem como telemática.<sup>24</sup>

Porém, mesmo diante desses avanços ainda não se conseguiu dar conta de uma questão: A do registro da memória e das culturas marcadas pela oralidade. O referencial curricular nacional para as escolas indígenas, denota esta realidade:

As funções da escrita em língua indígena nem sempre são tão transparentes e há sociedades indígenas que não querem fazer uso escrito de suas línguas tradicionais. Geralmente, essa atitude transparece no início dos processos de educação escolar indígena: a urgência e a necessidade de aprender a ler e escrever em português é claramente percebida, ao passo que a escrita em língua indígena não é vista como necessária. As experiências em andamento têm demonstrado que, com o passar do tempo, a situação pode se modificar e o uso da língua indígena por escrito passa a fazer sentido e a ser desejável.<sup>25</sup>

Convém ressaltar que algumas comunidades indígenas ainda preservam sua língua de origem, que se mantém viva no país até os dias de hoje. Têm a oralidade como fator predominante das histórias que são passadas de geração para geração. Não há tradição na escrita, não registram seus acontecimentos da forma que conhecemos. Portanto, é preciso buscar uma maneira dessas culturas serem mantidas vivas e registradas uma vez que a cultura ocidental é marcada pela documentação e pela memória institucional.

Ainda se referindo à importância das fontes históricas, Hayashi afirma:

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Trecho do referencial curricular nacional para as escolas indígenas Disponível em: <http://www.socioambiental.org>. Acesso em: 20/06/2007.

[...], é preciso atentar para o fato de que a disponibilidade de registros adequados para se escrever a história ( e portanto, para poder preservar a memória) não é dada. Deverá ser construída pelo historiador que irá ultrapassar as fontes tradicionais.<sup>26</sup>

A memória está presente na vida do homem desde a existência do mesmo. Seu resgate e preservação é uma atividade histórica de fundamental importância. Com o surgimento da escrita o ato de pensar se modificou. Ou seja, o pensamento se “materializou” ao ser transformado em palavras. A esse respeito externa Villanova:

Quando as fontes orais são intrinsecamente diferentes das fontes escritas, mas são do mesmo modo úteis. (...) Uma História bem-feita, uma história que seja útil. E estamos convencidos de que essa História bem-feita, sem fontes orais, é uma História incompleta. Ao mesmo tempo, sabemos que a fonte oral é uma fonte viva, é uma fonte inacabada, que nunca será exaurida, e, portanto, que a História bem-feita que queremos fazer é uma histórias inacabada (...)<sup>27</sup>

Ao contrário da transmissão oral, a escrita é rígida unilateral e descontextualizada, porém a transmissão da escrita é necessária para o surgimento do pensamento lógico, embora não seja suficiente. Nas sociedades orais, os indivíduos utilizaram o pensamento através de situações concretas relacionadas à vida cotidiana.

Contudo vale considerar que os registros escritos e os relatos orais não são fontes excludentes entre si, mas que se complementam mutuamente embora tenham cada um, funções e especificidades próprias.

<sup>26</sup> HAYASHI, Maria Cristina P. Innocentini. Disponível em: <http://www.dci.ufscar.br>. Acesso em: 02/06/2007.

<sup>27</sup> VILLANOVA, Mercedes. Disponível em: <http://www.dci.ufscar.br>. Acesso em: 02/06/2007.

## Várzea da Roça: descortinando a janela do passado

“Casas fazem uma cidade,  
mas cidadãos fazem uma cidade”<sup>28</sup>

*J.J. Rousseau*

Cidades são processos em construção que se transformam sem cessar, em concordância com as perspectivas dos seus moradores em ver se expandir o progresso local. Trata-se de um movimento incessante, um fenômeno em constante mutação, fruto dos gestos e ações acumuladas por seus habitantes ao longo de uma temporalidade.

Na construção de uma cidade é patente o movimento de pessoas convergindo para um mesmo ponto, para que juntos abordem suas expectativas e preencha os seus sonhos de desenvolvimento. Porém, é admissível que as múltiplas idéias possam gerar um misto de opiniões, tanto para somar esforços quanto para divergir, surgindo às vezes a discórdia o medo e a indisciplina no grupo. Isto, sem imaginar que a construção identitária venha com o tempo a ser abordada e documentada, como um valor histórico real. Neste contexto insere Almandrade:

A cidade é heterogênea, produto de várias sociedades e de contraditórios momentos históricos; a cidade é uma enciclopédia de memórias que guardam conflitos, intranqüilidades, medos individuais e coletivos... O homem documenta o seu desejo de vencer o destino.  
<sup>29</sup>

Uma cidade é, pois, detentora da história assim como também o é da identidade de grupos sociais. Diante dessa realidade, somamos esforços e nos empenhamos no trabalho de conservar a história de Várzea da Roça e manter viva a memória de tempos remotos. Nesse contexto é importante a elucidação das características e da sua localização, apontando os aspectos geográficos que delinearam o cenário onde a cidade surgiu.

<sup>28</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em: 20/06/2007.

<sup>29</sup> ANDRADE, Antonio Luiz M. Disponível em: <http://www.socultura.com>. Acesso em: 01/06/2007.

Segundo informações contidas no programa PRODUIZ<sup>30</sup>, Várzea da Roça encontra-se localizada na Microrregião Homogênea de Itaberaba, no semi-árido baiano, integrando a Região de Planejamento e a Região Econômica do Paraguaçu, vinculando-se administrativamente à Região de Mundo Novo. Situa-se a 11° 36' de latitude sul e 40° 08' de longitude oeste, distante 292km da Capital do Estado – Salvador – e a 12km de Mairi<sup>31</sup>, de onde foi desmembrada em 25 de fevereiro de 1985.

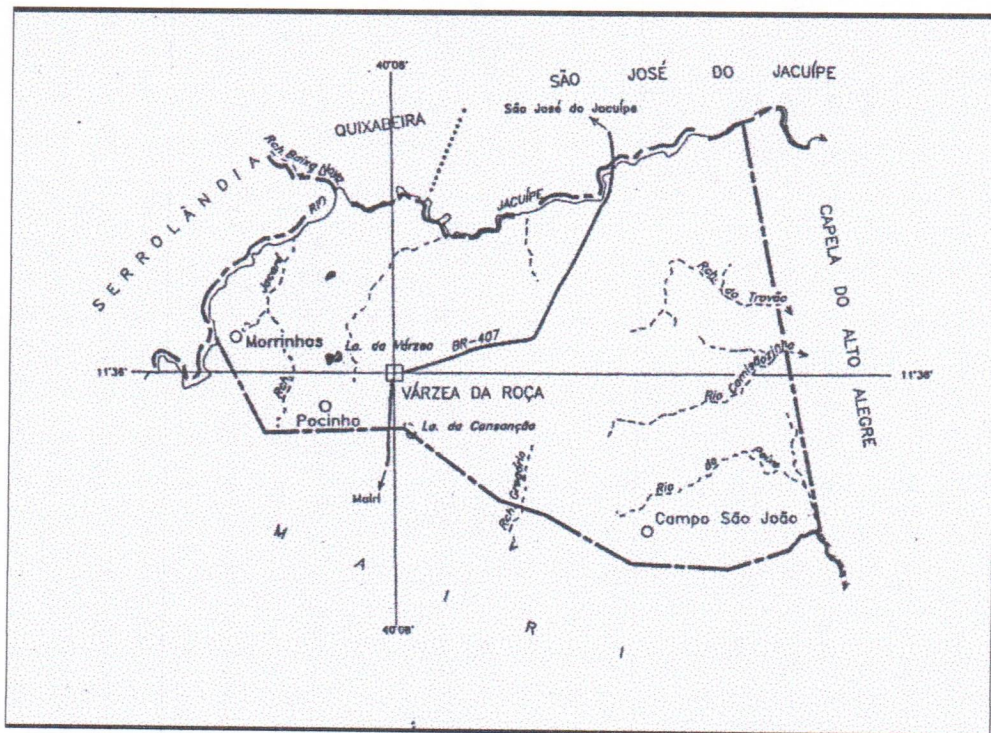


Figura 01 - Mapa do Município de Várzea da Roça  
Fonte: Programa Produzir, 2007

Em suas seis décadas de existência, muitas transformações ocorreram sem que houvesse uma preocupação maior em se registrar/documentar os fatos, embora a cidade ao longo dos anos, tenha passado por um processo de crescimento urbano de forma surpreendente.

O município está totalmente inserido no Polígono das Secas e os longos períodos de estiagem acarretam déficit hídrico para a agricultura local durante grande parte do ano. Vale ressaltar que foi justamente o fenômeno da seca o responsável por uma sucessão de episódios que viabilizaram a formação de um aglomerado de casas de onde se originou inicialmente o povoado (na época Município de Mairi) e quarenta e cinco anos após transformou-se em cidade.

<sup>30</sup> PROGRAMA PRODUIZ, perfil municipal 11/97 – Várzea da Roça.

<sup>31</sup> Mairi. Elevada a categoria de cidade pela Lei nº 196 de 05/08/1897. De onde foi desmembrado o município de Várzea da Roça por intermédio da Lei Estadual nº 4401 de 25/02/1985.



Figura 02 – Cidade de Várzea da Roça – Ba, em outubro de 2007  
Fonte: Ivanilson Pacheco / Arquivo pessoal

Neste período (1945) as pessoas que aqui habitavam, buscavam alternativas no intuito de minimizar a seca que assolava na região. A agricultura ou cultura de subsistência, não oferecia condição para a manutenção familiar devido à grande carência pluvial que acarretava prejuízos e dificuldades para todos. Isto impulsionou algumas pessoas a investirem em outras possibilidades. Uma delas era o “pó de palha”<sup>32</sup>, muito comercializado na época.

É pertinente aqui destacarmos a relação deste produto totalmente desconhecido pelos jovens varzeanos contemporâneos, mas que teve um papel de grande relevância na periodização delimitada neste trabalho.

Portanto, faz-se necessário um breve estudo acerca do pó de palha como era denominado, em seus tempos áureos, que era transformado em cera e utilizado como componente de produtos, a exemplo o antigo disco de vinil e baterias.

Atualmente esta cera encontra-se na composição química de alguns medicamentos, como também é utilizada na fabricação de cosméticos, de embalagens de alimentos, de filmes plásticos e fotográficos. Está presente, também,

<sup>32</sup> Matéria prima extraída da palmeira da carnaúba ou do ouricuri, transformada em cera.

nas ceras polidoras de pisos, móveis, couros e carros<sup>33</sup>.

Apenas três estados brasileiros atualmente, todos do nordeste, investem nessa produção: Rio Grande do Norte, Piauí e Ceará. Este último se destaca pela produção quase artesanal de alguns profissionais, que a receberam como herança de seus antepassados. São famílias que habitam na região de Sobral (CE)<sup>34</sup>

É interessante frisar que a abordagem acima nos remete a um período em que a prática era comum aqui em Várzea da Roça. Porém, de uma forma diferenciada, uma vez que não existe carnaúba na região. Assim, a extração do pó de palha era feita a partir do ouricuri. Uma palmeira nativa e abundante em grande extensão territorial do nosso município.



**Figura 03 – Ouricuri**  
**Fonte: Arquivo pessoal**

Das suas folhas, era retirado o pó branco, que se destinava ao comércio local e posteriormente remetido aos grandes centros urbanos para a industrialização. Segundo a Sra. Maria Angélica (D. Fia):<sup>35</sup>

A gente tirava as palha do licurizeiro, dispencava toda, fazia os molhos e carregava pra casa. Depois tirava o talo, amarrava e arrumava lá no canto. No outro dia, levantava cedo, torrava o café, tomava com leite e farinha, depois sentava no chão, pegava o couro de veado, dobrava no meio e amarrava na perna, na coxa. Aí colocava a palha, apertava a faca nela e puxava. O pó ia soltando e depois que tirava tudo, cessava e levava para pesar e vender. Acho que eles comprava pra fazer objetos de plástico.<sup>36</sup>

Foi este produto que inicialmente despertou a atenção de um comerciante para vir se estabelecer aqui na região. O Sr. José Mendes. Memória viva e o precursor de Várzea da Roça, que em seus 97 anos de experiências acumuladas, nos fez relatos riquíssimos acerca de suas vivências enquanto cidadão varzeano. A

<sup>33</sup> Disponível em: <http://www.carnaúbadobrasil.com>. Acesso em: 21/06/2007.

<sup>34</sup> Disponível em <http://www.sfiac.org.br>. Acesso em: 21/06/2007.

<sup>35</sup> **Maria Angélica**. Moradora de Várzea da Roça que cultivava o pó de palha na década de 1950.

sua permanência no território varzeano ocorreu a partir do seu trabalho com o censo demográfico em 1940. A este respeito o Sr. Zeca comenta saudoso:

Ele costumava ficar lá em casa, lá no Alto Alegre, porque ele morava no Mairi, então ele vinha e ficava com a gente. Saía de dia fazendo o censo e de noite ia dormir lá em casa. Ele andava por tudo quanto era lugar aqui.<sup>37</sup>

Ao abordarmos o tema com o Sr. José Mendes, ele não só afirma e ainda complementa:

Naquele tempo não existia transporte. Eu andava a pé. Levava uma “capanga” (pequena sacola feita de tecido) com carne, farinha, café e açúcar, pra passar a semana. Quando chegava numa casa na hora do almoço, eu pedia para assarem um pedaço de carne.<sup>38</sup>

Então relata-nos um episódio engraçado e entre risos conta que certa vez chegou às margens do Rio Jacuípe (o qual delimita parte do município), e havia um grupo de jovens se divertindo. Ele parou um pouco observando e depois pediu que preparassem algo para ele comer. Entregou-lhes a capanga e ficou aguardando. “Eles comeram tudo o que eu levava. Fiquei sem nada e tive que vim



**Figura 04 – Sr. José Mendes**  
Fonte: Arquivo pessoal

embora pra Mairi”, exprime sorrindo e continua a discorrer sobre outras histórias.

O período prolongado para a realização do censo, possibilitou-lhe um amplo vínculo de amizades por onde passava. Assim, no final do ano de 1940, o Sr. José Mendes resolve se estabelecer na região. Por ser muito observador, atentou

<sup>37</sup> José. Proprietário da Faz. Alto Alegre.

<sup>38</sup> José Mendes. O mentor e fundador da Cidade de Várzea da Roça

para o fato de que a estrada do Morro<sup>39</sup>, vindo de São José do Jacuípe<sup>40</sup> e aqui chegando se bifurcava com destino à Morro do Chapéu e Várzea do Poço<sup>41</sup>.

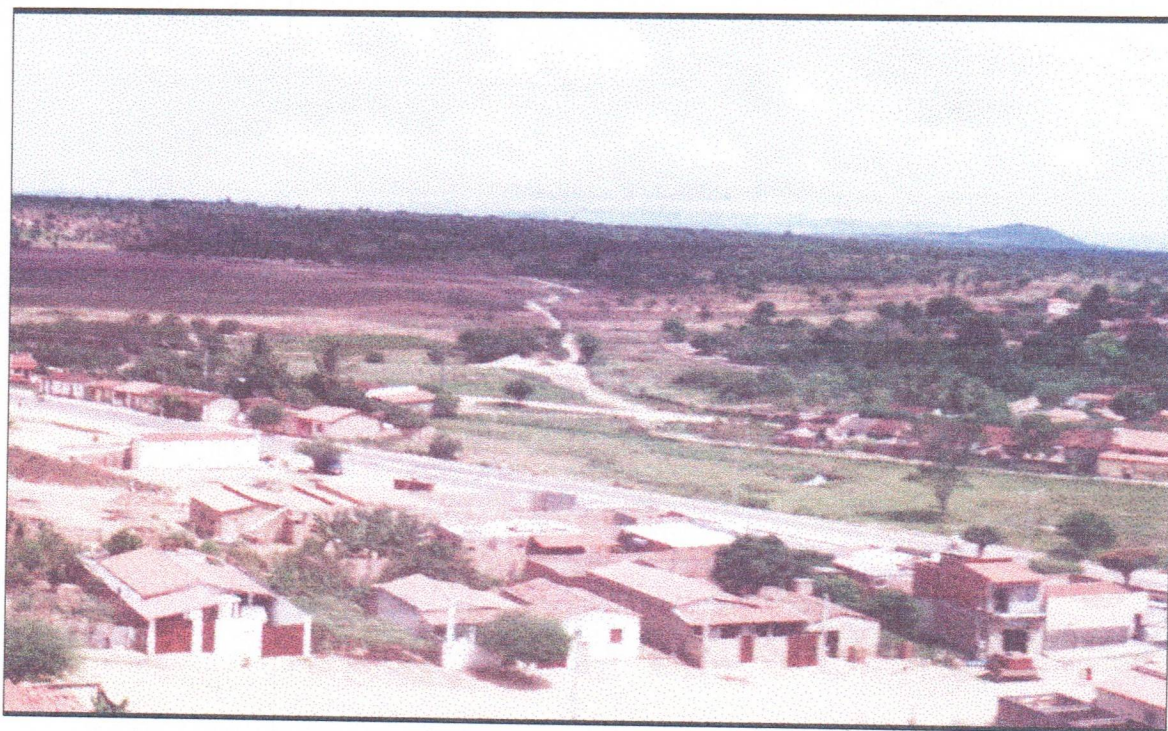


Figura 05 – Local (na bifurcação das estradas), onde foi construído o barracão  
Fonte: Arquivo pessoal

Estrategicamente percebeu que havia um grande movimento de pessoas naquele local e construiu próximo a essa estrada e a uma grande lagoa, na Fazenda denominada Várzea da Roça, um improvisado barracão.

Este, de aparência rústica, tinha a cobertura de palha de ouricuri e apenas um cômodo fechado, onde o Sr. José Mendes morava e, ainda, guardava as mercadorias que representavam o seu comércio.

Ali ele comprava e vendia produtos da cultura local, como também produtos industrializados que vinha de cidades distantes.

O barracão, também, era ponto de parada dos tropeiros<sup>42</sup> que por ali passavam, com o objetivo comercial.

<sup>39</sup> **Morro do Chapéu** é um município brasileiro do estado da Bahia. Localiza-se a 384km a noroeste da capital do estado, na zona oriental da Chapada Diamantina e possui altitude média de 1.100 m.

<sup>40</sup> **São José do Jacuípe**, Município do Estado da Bahia, desmembrado do Município de Capim Grosso e teve sua emancipação em 13/06/1989, limita-se geograficamente com o Município de Várzea da Roça.

<sup>41</sup> **Várzea do Poço** é um município brasileiro do Estado da Bahia, desmembrada do Município de Miguel Calmon em 30.07.1952, faz divisa com o município de Várzea da Roça.

<sup>42</sup> Condutores de tropas (animais eqüídeos especialmente os de carga)

Nessa empreitada, José Mendes encontra o apoio de um amigo que pouco tempo após se transforma em seu cunhado. É o Sr. José Cerqueira. Este resolve acreditar no comércio e passa a morar também no barracão para ajudar o amigo a tocar o negócio.

Ali se comercializava o que se produzia na região: pó de palha, fumo, mamona, sisal, etc, escoando estas mercadorias para as cidades de Castro Alves<sup>43</sup> e Feira de Santana<sup>44</sup>. Eram os tropeiros as pessoas encarregadas de transportar estes

produtos ao seu destino, utilizando para tanto tropas de burros, por serem animais resistentes às intempéries. Na volta destas longas viagens, traziam àquelas mercadorias que não existiam aqui, como rapadura, óleo, café em caroço, açúcar, querosene (em latas de 20L), peixe, cachaça etc. Sobre esta realidade vivenciada pelos antigos moradores do nosso cenário regional, é que o Sr. Valdivino faz as seguintes considerações:

A gente pegava frete pra qualquer lugar. As vez ficava até oito dia viajano. Quando era de noite nas estrada, tirava as carga dos burro, dava água e pegava uns tijolão de rapadura que a gente quebrava e eles cumia como se fosse capim. Era uma vida muito dura. A gente durmia pelas estrada. Era só istendê uma pele de carnero e deitá pu cima. Antes do dia amanhecer a gente já arriava os burro e ia imhora.<sup>45</sup>

Ao comentar sobre as mercadorias que transportavam, ele recorre às suas lembranças e relata-nos, que era dono de uma tropa de dez burros e um deles



**Figura 06 – Sr. José Cerqueira**  
Fonte: Arquivo pessoal

<sup>43</sup> **Castro Alves.** Município desmembrado do território de Cachoeira, com a denominação Vila de Curralinho, a sede foi elevada a categoria de cidade em 22.06.1893, recebendo o nome de Castro Alves em 1900.

<sup>44</sup> **Feira de Santana,** constituída cidade em 1873, sendo o maior entroncamento rodoviário Norte-Nordeste do país e segunda maior cidade da Bahia, localiza-se a 100km da capital.

<sup>45</sup> **Valdivino Fernandes de Almeida.** Tropeiro que residia na região.

era utilizado como guia dos demais. O referido animal recebia arreios diferenciados e conduzia a tropa com imponente peitoral, também conhecido por cincerro. Este compreendia um conjunto de chocalhos, de tamanhos variados e ao serem colocados sobre o peito do animal emitiam sons diversos que se ouviam à distância, de acordo com a cadência do seu trote. O animal guia anunciava assim, a aproximação da tropa e era sempre o primeiro que surgia seguido dos outros. Segundo O Sr. Valdivino, o “peitorá” além de ser muito bonito, facilitava a condução da tropa, a quem na maioria das vezes, assim como ele, viajava sozinho. Em raras ocasiões é que o seu irmão mais jovem o acompanhava.

A gente pegava uma carga de fumo, milho, feijão, por exemplo, e ia entregar em Bela Vista de Utinga. Chegava lá a gente já pegava outro frete com outras coisa pra Morro do Chapéu. E era assim. Quando viajava muito de um lado pra outro, os burro ficava “estrupiado” a gente costumava chegar no Largo, perto de Orobó, alugava um pasto e dexava os burro uma semana. Depois a gente pegava outra carga de açúcar, café em caroço, rapadura, as coisa que não tinha aqui, e vinha imhora. A gente trazia muita mercadoria pra Zé Mendes aí no barracão e também vendia mercadoria dele. Porque o barracão era quem um supermercado: vendia no mercado e em grosso também.<sup>46</sup>

Assim eram comercializados os produtos. Como não existiam veículos motorizados, a cultura produzida na região, também, era escoada através das tropas de burros. As únicas modalidades para o deslocamento das pessoas até as cidades mais próximas, eram as montarias a cavalo, ou carro-de-boi. Por conta disso, havia uma grande dificuldade em se transportar alguém doente. Em casos graves, era mais viável buscar o médico que atendia o paciente em domicílio.

Nesse período, um fato novo veio interferir no processo de desenvolvimento local: a aposentadoria do Sr. Alcides Mendes, pai do nosso “protagonista”, que era proprietário do Cartório de Registro de Títulos e Documentos em Mairi, no qual trabalhava. Como é natural dos pais, ele enseja o retorno do filho para Mairi, dada à necessidade de assumir este, totalmente o Cartório.

Assim, o Sr. José Mendes fecha o barracão, que já não progredia tanto, e procura dar continuidade ao trabalho a que seu pai se dedicara por muito tempo. Inicialmente, tenta adequar-se ao novo estilo de vida. Porém não se sente bem naquele espaço. Em 1942, casa-se com D. Adélia Cerqueira, permanecendo em

<sup>46</sup> Idem;

Mairi por alguns anos. Contudo, sempre insatisfeito com o trabalho, como lembra sua esposa:

Ele ficava doente quando ia trabalhar lá. Ele não gostava do trabalho e fez com que o pai vendesse o cartório, porque ele não queria. Então seu "Didi" vendeu o cartório pra Alcício.<sup>47</sup>

Anos após, em 1943, José Mendes recebe a proposta de um senhor (não lembra o nome) para comercializar com o pó de palha na região. A forte intuição de que desta vez seria diferente, o impulsionou a investir mais uma vez no comércio.

Ele e a esposa retornam então a Várzea da Roça. O cunhado, José Cerqueira, novamente está ao seu lado apoiando-o. Reabrem o barracão que a esta altura configura-se em ponto obrigatório de passagem para mercadorias e pessoas que se deslocavam pela estrada do Morro e assim se procede até 1945. Nesse ponto, surge mais um personagem que passa a desempenhar um papel relevante para a futura cidade. O Sr. José Coelho. Os três Josés, juntos, começam a somar esforços e buscar incansavelmente o desenvolvimento local e o dinamismo do comércio, com a idéia de implantação de um povoado.

A localização privilegiada do barracão, quando aliada à perspectiva de expansibilidade habitacional, causou certa euforia em seus idealizadores que buscam então colocá-la em prática. Resolvem então, procurar o Sr. José Bastos, quarto personagem que vem complementar o quadro dos fundadores da cidade.

Deparamo-nos então com mais um José. Este era o proprietário das terras que ficavam no lugar mais alto, distante uns 300m do barracão.

É importante, neste momento, apontar para uma incoerência entre as informações: alguns relatos afirmam que os três amigos compraram uma área de terra a qual teria sido doada para quem quisesse construir sua casa. Podemos constatar isso com o depoimento do Sr. José Mendes:

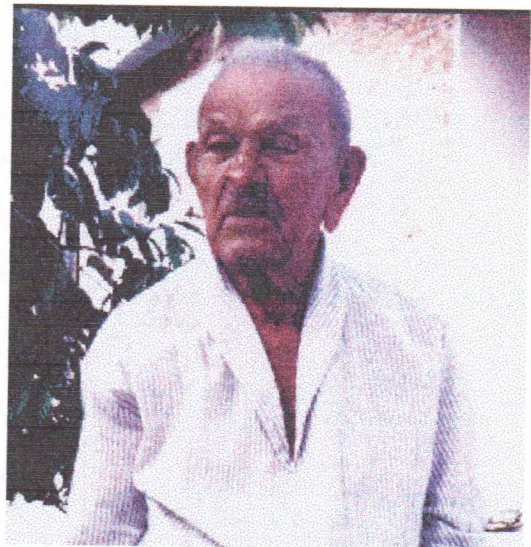


Figura 07 – Sr. José Bastos  
Fonte: Lourdes Bastos / Arquivo pessoal

<sup>47</sup> D. Adélia Cerqueira Mendes, esposa do Sr. José Mendes.

Procuramos Zé Bastos e pedimos pra ele nos vender uma tarefa de terra. Depois construímos nossa casa e doamos também outros lotes pra quem quisesse fazer sua casa. Lembro de algumas pessoas que receberam esses lotes como: Cláudio Gomes, Isaac Bela, José de Honorina, Conrado, Viturina, para construir uma pensão, e Manuel Carneiro.<sup>48</sup>

Há ainda, a afirmação do Sr. José Cerqueira (gravado em 1994), que reforça a afirmativa anterior acerca da compra das terras:

1940 cheguei aqui mais meu cunhado José Lima Mendes e nós ensinava o povo a tirar o pó de palha. Puzemos o barracão no beijo da lagoa e quando passou cinco anos compramos o pedaço de terra da pracinha da igreja, mandamos plainar e fazemos duas casa: Zé Mendes e Zé Cerqueira.<sup>49</sup>

Porém outros declaram que a terra foi doada pelo Sr. José Bastos, que após acatar a nobre idéia dos três, não quis vendê-la e sim, ele mesmo doá-la. Um deles, o seu filho Pedro Bastos, nos relata enfaticamente:

Aquela terra da Praça José Coelho foi meu pai que doou pra Zé Mendes que queria formar um povoado alí. Quando limpou o terreno pra construção das primeiras casas, eu era criança, tinha só oito anos, mas me lembro daquele dia. Eu tava indo pra Maracujá e fiquei olhando os homi roçano a terra, outros arrancano os pau e João Carreiro ia arrastano os pau, os licurizero, com os boi. O povo arrancava e ele carregava. Lembro como se fosse hoje.<sup>50</sup>

Percebe-se que as opiniões continuaram divergentes e não se chegou a um consenso. Mas, como se sabe, a história que tem como veículo de transmissão apenas a oralidade, pode sofrer variações segundo os contextos em que são expressos. Logo, concluímos que é possível perceber uma mesma história conhecida de diversas maneiras, dependendo do ponto de vista daquele que a relata, do lugar e do período temporal em que o observador se encontra e das práticas sociais que realiza em seu cotidiano.

Enfim, conseguida a terra, todos concordaram com que ali seria o local adequado para iniciarem o projeto da formação do povoado.

Algumas pessoas que também moravam na região opinavam a respeito e acabavam acontecendo algumas divergências. Conta-se que uma delas foi quando

<sup>48</sup> José Mendes. Op.Cit.

<sup>49</sup> José Cerqueira. Um dos fundadores de Várzea da Roça. In memória.

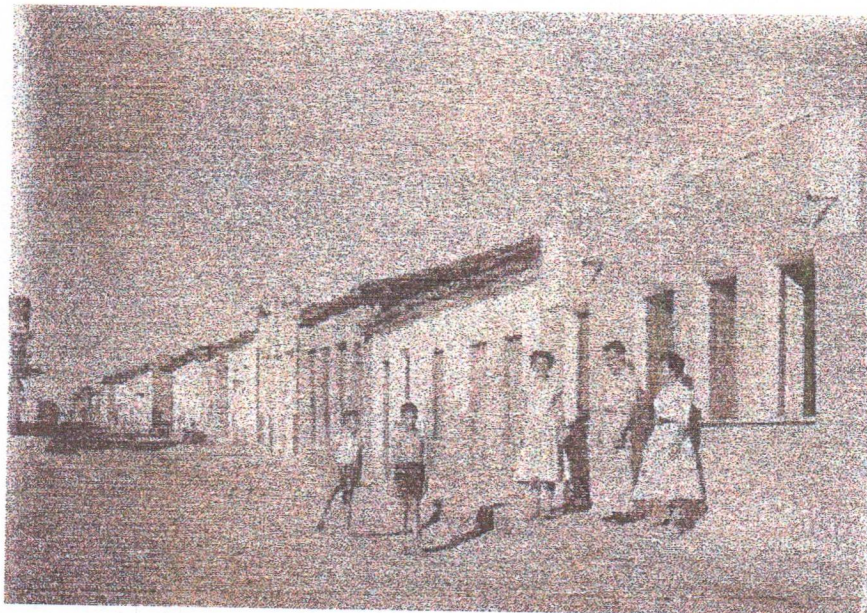
<sup>50</sup> Pedro Bastos. Filho do Sr. José Bastos.

o Sr. Claudio Gomes queria que o povoado se formasse nas terras do Sr. José de Vegílio. O Sr. José Cerqueira dizia ser inapropriado devido à localização da lagoa ali próximo. Isto acabou criando inicialmente certa rivalidade entre os dois. O Sr. Claudio ainda iniciou uma construção onde ele indicara, mas desistiu posteriormente e aderiu à opinião dos outros companheiros.

Com o terreno adequadamente planeado, imediatamente iniciou-se a edificação das casas, sendo as quatro primeiras, daqueles que impulsionaram a idéia do desenvolvimento local.

Embora não possamos ser precisos em relação a essa data, as pesquisas efetivadas apontam para o segundo semestre do ano de 1946.

De acordo a uma ordem cronológica dos fatos, a primeira casa erguida foi a de José Coelho, José Cerqueira construiu a segunda casa, seguido de José Mendes, Cláudio Gomes e José Bastos. Com exceção deste último, todos construíram suas casas onde hoje se localiza a Praça José Coelho. E foi a partir desse ponto que Várzea da Roça começou a se desenvolver.



**Figura 08 – Praça José Coelho, o núcleo da cidade (1956)**  
**Fonte: Prof. Clélia S. Oliveira/Arquivo pessoal**

Segundo PESAVENTO, a cidade surge, cresce e se desenvolve a partir de um centro, de um núcleo original, onde se situa a sua parte mais antiga.

[...], o centro é um núcleo original, o ponto de partida nodal e uma aglomeração urbana. O centro é, pois, o marco zero de uma cidade, o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem. Assim sendo, o

centro é um espaço privilegiado no tempo. Parafraseando a frase Bíblica, podemos dizer que no princípio era o centro.<sup>51</sup>

Dessa forma, em volta daquela terra limpa, foram surgindo outras casas. Algumas de taipa (parede feita de barro socado entre estacas e ripas), outras de adobe feito por eles próprios. Umas cobertas com telhas e outras com a palha do ouricuri, a mesma que desenvolvia a economia local com a produção do pó de palha.

É importante destacar que essas telhas eram de olarias localizadas às margens do Rio Jacuípe<sup>52</sup> aqui no município e os tropeiros é que se encarregavam de transportá-las em seus burros. O Sr. Hermes Gomes foi quem inicialmente negociou o frete da sua tropa, para que se fizesse a cobertura das primeiras casas. Assim, o povoado de Várzea da Roça foi se expandindo e surgindo a necessidade de alguns serviços essenciais às pessoas que ali habitavam. Começavam então a surgir as primeiras casas comerciais.



**Figura 09 – Praça José Coelho, transformando-se em centro comercial**  
**Fonte: Dêmisson Pacheco/Arquivo pessoal**

José Coelho colocou uma “venda” com uma variedade de produtos básicos tentando assim suprir as necessidades da pequena população.

José Cerqueira investiu em um bar, única opção de lazer. Era o lugar em que à noite os amigos se reuniam à luz dos candeeiros a querosene, para jogar

<sup>51</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. Disponível em: <http://www.nuevomundo.revies.org>. Acesso em 02/06/07.

<sup>52</sup> Rio que faz a divisa do município de Várzea da Roça com São José do Jacuípe, Quixabeira, Serrolândia e Várzea do Poço.

sinuca, baralho e contar os “causos” costumeiros. Posteriormente tornou-se delegado configurando-se assim como a primeira autoridade do então povoado.

José Mendes, procurando diversificar e preocupando-se com a saúde local, montou uma farmácia. Vendia ali os remédios indispensáveis para a cura de pequenos males. Também tinha uma habilidade rara na época. Aplicava injeções nas pessoas, sempre que necessário.

José Bastos era um homem de múltiplas funções. Contribuía com a população varzeana com serviços prestados como marceneiro, construtor de móveis, ferreiro que produzia instrumentos para o trabalho no campo fazia concertos em máquinas de costura, era produtor de fumo, etc.

Hermes Gomes (irmão de Cláudio) viu perspectivas em um outro ramo e constrói um depósito para o comércio de couro, mamona, ouricuri, pó de palha, fumo de folha, coro silvestre (de gato do mato, raposa, caititu, carneiro, boi etc.), além dos produtos que eram vendidos anteriormente no barracão, que já não mais existia.

Com o tempo foram chegando novos moradores e outras casas comerciais foram surgindo. A exemplo, Antonio Pernambucano que apresentava os mais belos tecidos, vendidos em sua loja de “fazendas” os mais procurados eram: azulina, mesclas (também conhecido por confiança), chita, caminho sem fim, bugariana, anarruga, cambraia, surá, fait etc.

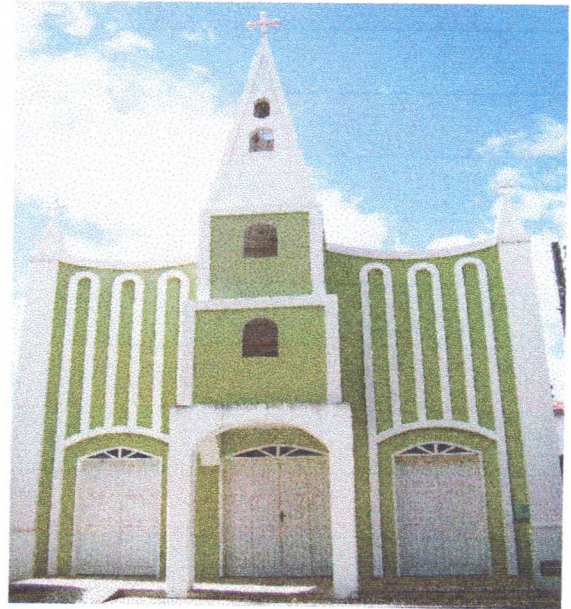
Já o Sr. Chico de Donato resolveu fazer uma pensão para acolher os viajantes que por ali transitavam.

D. Viturina era a “parteira” do pequeno povoado e exerceu um papel de grande importância ajudando a vir ao mundo, os cidadãos e cidadãs varzeanos. Era Também a proprietária de uma pensão.

Para cuidar da boa aparência dos senhores varzeanos, surge Carlinhos Borges, o barbeiro. Contam que ele costumava cortar o cabelo das pessoas embaixo de uma árvore, na praça.

Com o intuito de obter maiores recursos para o povoado e seus moradores, o Sr. José Mendes concorre às eleições municipais em 1946, pleiteando uma vaga no Legislativo Municipal, onde foi eleito para um mandato de quatro anos e reeleito em 1950 sempre a defender os destinos de Várzea da Roça.

É importante lembrar que em 1947, ele juntamente com a população que ali residia, fundou a Igreja Católica. Era uma “capela” com apenas duas portas pequenas, onde todos se reuniam uma vez a cada mês, para assistir as missas celebradas pelo Pe. Freitas. No decorrer dos anos, a igreja vem sendo não só restaurada, mas também modificada, apresentando-se de forma diferente da original.



**Figura 10 – Igreja Católica (atual)**  
**Fonte: Danilo Fernandes/Arquivo pessoal**

Naquele tempo as casas era de adobe cru que o povo mesmo fazia. Nós combinamos juntar todo mundo pra fazer a igreja. Quando já tinha uns dois mil adobes prontos, de noite deu uma chuva forte e desmanchou tudo. Mesmo assim o povo não desanimou e um tempo depois, a igreja ficou pronta. Era pequena, mas sempre tinha missa e todo mundo da região ia.<sup>53</sup>

As coisas iam acontecendo de forma acelerada, pois as cidades em formação têm a propriedade de aumentar, de se densificar, de crescer de forma desmesurada.

Preocupado em organizar aquele espaço urbano, o Sr. José Mendes comenta que, procurou um topógrafo denominado Jailton, para abrir algumas ruas a partir da praça já em formação. Porém, ao lhe oferecer o serviço:



**Figura 11 – Rua Carlos Nunes (torta e estreita)**  
**Fonte: Danilo Fernandes/Arquivo pessoal**

<sup>53</sup> José Mendes. Op. Cit.

Ele pediu duzentos contos de réis. Fizemos uma bolsinha com os amigos, mas só conseguimos cento e cinquenta contos. O topógrafo não veio pela quantia que a gente tinha conseguido. Por isso que as ruas ficaram tortas e estreitas.<sup>54</sup>

Com o desenvolvimento do povoado, surgiam muitas construções, ruas novas, famílias a estabelecer-se, principalmente ao redor da Praça José Coelho, que servia também de local para as feiras que aconteciam aos domingos. Nesse dia, os lavradores deixavam as suas propriedades para virem negociar os seus produtos com pequenos comerciantes e com a população.

As mulheres aproveitavam para vender os doces caseiros que preparavam. Entre eles: chibata (bolo de milho assado na palha da bananeira), cocadas de ouricuri, doce de batata, brevidades, pirulitos de mel, e de aipim etc.

Dessa forma, a primeira feira do povoado ainda em formação, data de 15/12/1946. Vale ressaltar que esta aconteceu assim que foram construídas as primeiras casas. Este evento histórico foi divulgado antecipadamente nas fazendas e povoados circunvizinhos, fazendo com que as pessoas se deslocassem de suas residências para algo novo, um domingo diferente. Havia apenas pequenas barracas de doces caseiros, a carne de um garrote de sete arrobas e de um porco que foram abatidos neste dia, alguns sacos de feijão, farinha, etc.



**Figura 12 – Praça José Coelho onde acontecia a feira livre**  
**Fonte: Zezito Rios/ Arquivo pessoal**

Porém, a cada Domingo, a feira se expandia, novos produtos surgiam,

<sup>54</sup> Idem.

cada vez mais pessoas dos povoados vizinhos se deslocavam. Enfim, o desenvolvimento acontecia gradativamente em todos os âmbitos: geográfico, populacional, social e educacional.

E neste contexto de formação e desenvolvimento do povoado percebeu-se a necessidade de apresentar o mundo letrado àquela população. Surge então a primeira escola na comunidade para dar início à formação oficial da população varzeana. A Escola Rural.

### CAPITULO III

#### Os (des)caminhos da educação no Brasil

A educação é, sem dúvida, um dos fatores mais importantes no desenvolvimento de uma nação; é através da produção de conhecimento que um país cresce e se desenvolve em todos os aspectos sociais, e assim, proporciona melhor qualidade de vida às pessoas.

Muitas são as interfaces que precisam ser analisadas para que se fundamente uma discussão da educação contemporânea de nossa população..

Partindo do princípio, podemos observar que a educação atual, em nosso país, sofre conseqüências do processo histórico, permeado por interferências políticas, econômicas e sociais desse percurso.

Portanto, é muito importante fazermos uma breve retrospectiva histórica, que nos ajude a compreender melhor os problemas educacionais da atualidade. Discutir as políticas educacionais e o papel da escola é também uma maneira de compreender a função da escola na contemporaneidade.

Ao analisar o processo histórico da Educação no Brasil, observa-se que as idéias e pensamentos da cultura medieval foram trazidos para a Educação brasileira, fundamentada na obra dos jesuítas. A Companhia de Jesus teve grande influência na educação colonial. Eles vieram para a colônia com o intuito de catequizar os povos indígenas. Com o passar do tempo, a Educação oferecida pelos padres foi ganhando importância para a burguesia, pois os seus objetivos se harmonizaram muito bem. Como ressalta Romanelli:

[...], só podia interessar uma Educação cujo objetivo precípua fosse cultivar "as coisas do espírito", isto é, uma Educação literária, humanista, capaz de dar brilho à inteligência. A esse tipo de indivíduo convinha bem a Educação Jesuítica, porque não perturbava a estrutura vigente, subordinava-se aos imperativos do meio social...]<sup>55</sup>

A Educação oferecida pelos Jesuítas era extremamente hermética,

<sup>55</sup> ROMANELLI, Otaiza O. História da Educação no Brasil. 22ª edição. Petrópolis Rio de Janeiro, 1978. Editora Vozes. p. 34.

autoritária, classista e de cunho religioso que reproduzia em parte os preceitos educacionais católicos. Esta era desinteressada pela maioria da população, porque a colônia tinha uma sociedade escravocrata e rural que detinha técnicas de trabalho rudimentar e não necessitava da leitura e da escrita para administrar os trabalhos.

Nesse recorte da história, é notório como a Educação Jesuítica contribuiu para a permanência da marginalização das classes menos favorecidas. E a função da escola era preparar os filhos da elite dirigente para ocupar seus cargos. A este respeito Otaiza Romanelli coloca: "Os primeiros representantes da Colônia junto às Cortes foram os filhos dos senhores de engenho educados no sistema jesuítico".<sup>56</sup> Essa educação fundamentada na obra da catequese favoreceu exclusivamente a classe mais favorecida, dando lugar à educação da elite, assim, a pedagogia Jesuítica ficou internalizada na classe educacional causando um grande atraso para o sistema de ensino.

A saída dos Jesuítas do Brasil em 1759, implicou na entrada do Estado na Educação. Isso, porém não significou avanços educacionais, mas reforçou apenas que essa proposta autoritária e dogmática continuasse por todos os períodos coloniais, tendo influência no período Republicano.

Por conta desta tomada de decisões a educação brasileira sofreu um desequilíbrio no ensino/aprendizagem. As decisões voltadas para a educação continuavam muito distantes da pregada pelos jesuítas. Algumas mudanças vieram acontecer, apenas com a chegada da família Real ao Brasil por volta de 1800.

A partir de então, a educação no Brasil passa a ter maior importância, mas não de primeira qualidade. Enquanto em outras colônias espanholas as universidades passaram a existir, nós brasileiros só tivemos a primeira universidade aqui em 1934.

Com o crescimento da sociedade e preocupados com o avanço do mundo europeu, os fazendeiros e elites que representavam o parlamento brasileiro, discutiam uma abertura para que fosse apresentado um projeto de lei que viesse a contemplar a educação. Neste sentido Rita de Cássia aborda:

[...], somente 1823, alguns destes elaboram um projeto de educação, que chega a ser reconhecido em lei, contudo, este foi engavetado uma vez que outro setor do mesmo parlamento não reconhecia a necessidade de se empenhar neste projeto. Em 1923, o Congresso é

<sup>56</sup> ROMANELLI, Otaiza O. História da Educação no Brasil. Op. Cit. p, 36.

fechado e a lei esquecida até 1926, quando o Congresso reabre e as discussões sobre a educação, voltam a acontecer.<sup>57</sup>

No início do século XIX, marcado pelo desenvolvimento da mão de obra, a população menos favorecida, se sente mais segura e vai à luta por escolas. Eram pessoas desprovidas de terras, que com o intuito de firmar-se como classe, buscavam através do título, assegurar o status de elite que aspiravam.

Assim sendo, constata-se que desde o período colonial até os dias atuais, várias lutas aconteceram por pessoas que resistiram e resistem ao ensino elitista e procuram travar discussões e ações que vão de encontro aos anseios da população brasileira que há muito deseja um ensino democrático, gratuito e de qualidade.

Em 1961 foi criada a primeira Lei educacional de nº. 4021/61, onde o texto garantia a família o direito à escola, o tipo de educação, e o ensino uma obrigação dos poderes públicos, estando livre para a iniciativa privada.

Percebe-se que ainda neste momento o ensino no nosso país tem servido exclusivamente a uma pequena parcela da população e não contribui para o desenvolvimento de cidadãos críticos. Pelo contrario, o ensino no Brasil infelizmente, prima pela divisão do trabalho manual e intelectual, tornando assim uma divisão de classes e totalmente excludente.

Assim sendo, percebemos que a Educação no Brasil precisa mudar completamente, vimos que cada vez mais educadores têm almejado uma escola que ensine e acima de tudo que prepare cidadãos críticos. Pessoas que possam confrontar com o sistema, que não sejam manipuladas ou condicionadas por um sistema de alienação, que a cada dia prende-nos e impossibilita-nos de sermos cidadãos críticos.

Com isso, cada vez mais as pessoas estão céticos das instituições de ensino. São pais preocupados e insatisfeitos com a aprendizagem dos filhos, professores desmotivados e frustrados por diversos motivos, até os próprios alunos sentem um grande distanciamento em relação aos seus desejos. A escola pouco incentiva à criatividade e ao prazer, parecendo mais um ambiente de punição.

As finalidades da Educação escolar, portanto reduzem-se à aprendizagem de conhecimentos, úteis, imediatamente aplicáveis, tanto nas possíveis atividades profissionais, quanto na convivência

<sup>57</sup> CARVALHO, Rita de Cássia Gonçalves de. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 30/07/2007

social. Como fica, nesse contexto a formação integral da personalidade, a formação da cidadania/ Ou o cidadão que se quer formar é aquele submetido ao mercado? <sup>58</sup>

Por isso o educador tem papel fundamental nesse processo de transformação histórica da educação em nosso país, precisamos lutar e nos comprometer com uma escola que não seja apenas um centro educacional, que não esteja apenas cercada entre paredes, mas também em um contexto social, cultural e político, afinal, a educação é política.

---

<sup>58</sup> SAVIANE, Dermeval. Disponível em: <http://www.divinopolis.eumg.br>. Acesso em: 30/07/2007.

## Escola Rural: a eclosão educativa numa trajetória de perda identitária

Compreendemos que a educação está contida nas mais diversas formas de relações humanas, uma vez que no exercício de conviver educa-se e se é educado. Dessa forma, consideramos a família como a primeira “instituição” educativa da criança. Contudo, se faz necessário o ensino sistematizado das escolas oficiais com suas abordagens inerentes aos diversos conteúdos, considerados relevantes para a formação educacional dos cidadãos.

Esta preocupação atingiu a comunidade varzeana no ano de 1952, pois não havia escolas na região como afirmou o Sr. José Cerqueira ao discorrer sobre o desenvolvimento do povoado: *“Zé Mendes pôs uma farmácia e começamos. Pôs também uma escola, que o povo aqui era quase tudo analfabeto né?”*<sup>59</sup>

Sr. José Mendes confirmou que aquela não era uma escola oficial, pois funcionava na sala de sua residência localizada na Praça do Comércio, posteriormente denominada Praça José Coelho<sup>60</sup>. A professora era sua esposa, D. Adélia, a quem ele auxiliava.

Com o desenvolvimento do povoado havia a necessidade de uma escola. As pessoas que ali viviam tinham pouco conhecimento. Era preciso uma professora pra ensinar os alunos que apareciam de todo lado. Então solicitei a minha esposa que passasse a ensinar, porque não tinha professor formado na região.<sup>61</sup>

D. Adélia passou a lecionar inicialmente como voluntária apenas no turno matutino, com uma média de 25 alunos. Era uma turma multisseriada, com alunos do “ABC” até o “4º ano”, como eram denominadas as séries. Ela nos relata as dificuldades que enfrentava para lidar com níveis tão estanques ao mesmo tempo.



**Figura 13 – D. Adélia Mendes (1ª professora)**  
Fonte: Arquivo pessoal

<sup>59</sup> Sr. José Cerqueira – um dos fundadores

<sup>60</sup> De acordo com a Lei Municipal de nº 148/67

<sup>61</sup> Sr. José Mendes – Op. Cit.

Eu passava uma cópia ou exercício no quadro para os alunos maiores. Enquanto eles faziam, eu trabalhava outra atividade com os menores. Quando aqueles mais avançados terminavam eu colocava eles pra me ajudarem com os outros que não conseguiam fazer sozinhos.<sup>62</sup>

Seus relatos evidenciavam uma pedagogia tradicional<sup>63</sup> que predominava em todo o país, onde se enfatizava a necessidade de exercícios repetidos para garantir a memorização dos conteúdos. Ali o professor era visto como autoridade máxima, um organizador dos conteúdos e estratégias de ensino, ou seja, o guia exclusivo do processo educativo.

Naquele tempo a preocupação do professor era ensinar o aluno a ler, escrever e contar. Eles faziam cópias pra aprender a escrever. Eu ainda, costumava fazer ditado com os mais avançados. As contas, eu ensinava fazendo muitas no quadro. Quando eu via que eles já estavam sabendo eu passava exercício que eles copiavam naquelas folhas de papel pautado e respondiam. Tinha também a sabatina de Tabuada que eles tinham que ler muito pra saber responder e assim acabavam aprendendo. Outra coisa, sempre no dia de sexta-feira eu fazia um trabalho diferente com as meninas. Era o bordado. Toda menina aprendia a bordar na escola.<sup>64</sup>

D. Adélia informa que organizava a sala de aula em fileiras, separando estas por série, visando assim facilitar o seu trabalho e identificar os níveis de aprendizagem dos seus alunos. E era assim que ela ia ministrando suas aulas.

Tentando conhecer um pouco mais deste processo de aquisição do conhecimento, como também perceber a história sob um outro ângulo foi possível conhecer alguns dos ex-alunos de D. Adélia.

Entre eles: o Sr. José de Otávio, o Sr. Valdemar Rios e o Sr José Mendes de Souza (seu Bata) que relatam com grandes semelhanças suas experiências enquanto alunos.

Eu lembro que depois que a gente fazia as atividades D. Adélia passava uma lição que a gente lia e ela "tomava" no final da aula. Quem não sabia ficava na escola estudando até ler direitinho e dar a lição. Tinha uma palmatória sim, mas ela não usava. Quando era preciso ela colocava de castigo.<sup>65</sup>

<sup>62</sup> Sra. Adélia Cerqueira Mendes, esposa do Sr. José Mendes

<sup>63</sup> A "pedagogia tradicional" é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria.

<sup>64</sup> Sra. Adélia Cerqueira Mendes. Op. Cit.

<sup>65</sup> Sr. José de Otávio – ex aluno de D. Adélia.

O Sr. José de Otávio complementando seus relatos relembra que cada aluno levava a sua própria cadeira para sentar-se na escola, pois lá existia apenas o mobiliário residencial, insuficiente e inapropriado para as crianças. Era a força de vontade de educadora e educandos que fazia a aprendizagem acontecer em situação tão adversa.

Este desejo contagiou uma clientela diferenciada que, com o passar do tempo, demonstrou um grande interesse em aprender a ler também; os pais dos alunos. Buscando uma alternativa, o Sr. José Mendes passa a alfabetizar os adultos em turno noturno. Como não existia energia elétrica, ele improvisava com lampiões a querosene. Eram pessoas que de repente se percebiam analfabetos e que despertavam para uma nova realidade. Pessoas que após um árduo dia de trabalho braçal sob o sol escaldante ou abundantes chuvas, ainda encontravam resistência para se dedicar ao nobre ofício de estudar.

Entretanto, por haver um maior número de alunos, agora em dois turnos, a residência da professora Adélia tornava-se inviável para o funcionamento escolar e os professores resolvem alugar um salão ali próximo.

A partir de então o Sr. José Mendes consegue que a Prefeitura de Mairi assumira as responsabilidades da escola. Esta contrata D. Adélia que passa a ser remunerada pelo serviço prestado, aluga um salão para o funcionamento da escola, providencia carteiras para alunos e professora, enfim proporciona um ambiente mais adequado para a classe.

Com o passar do tempo o povoado vai se expandindo, a quantidade de alunos aumentando e a dificuldade crescendo para manter uma única turma de crianças e jovens, que se torna a cada dia mais extensa. Assim, mais uma vez o Sr. José Mendes busca uma solução.

Junto ao Sr. José Coelho, compra outra área de terra do Sr. José Bastos, próxima a única praça que constituía o "arraial" de Várzea da Roça.

Feito isto, na condição de vereador, solicita junto ao Deputado Osvaldo Ribeiro, a construção de um prédio escolar no povoado.

Portanto, quase ao centro daquela área, define o local onde será construída a tão desejada e primeira instituição oficial de ensino, na década de 1950. Embora em um local que mais caracterizava o de uma escola rural, aquele projeto refletia grandes expectativas de mudança. Sugeria uma educação sistematizada àquela população.

Mesmo sendo difícil informar uma data precisa devido a falta de documentos que atestem e de um conhecimento concreto dos antigos moradores da cidade e ex-alunos da escola, dá-se início à edificação do prédio. É importante ressaltar que por um período as obras ficaram paradas, retomando depois com a intervenção do Prefeito de Mairi, Sr. Alfredo Navarro que entrega à população varzeana a obra concluída. Esta, com as seguintes divisões: de um lado uma sala de aula, ao meio uma área e do outro lado uma pequena residência. Pela sua localização e aparência da estrutura física a escola é denominada Escola Rural de Várzea da Roça.



Figura14 – Escola Rural de Várzea da Roça, em 08/04/1956  
Fonte: Professora Clélia / Arquivo pessoal

Durante certo tempo a escola funcionou com D. Adélia e uma outra professora (que ela não lembra o nome). Eram professoras leigas.

Embora não desmerecendo o empenho e dedicação destas, já se cogitava uma professora formada para a comunidade.

Dessa forma, por intermédio da Sra. Elizabete da cidade de Mairi e do Sr. José Mendes, o prefeito de Mairi Sr. Alfredo Navarro entra em contato com a professora Clélia S. Oliveira, da Cidade de Jacobina Estado da Bahia, que é

nomeada em 23 de março de 1956<sup>66</sup>. Ela então nos informa:

Há algum tempo eu já estava procurando um emprego. Com a ajuda de Elizabete marquei um encontro com o Sr. Alfredo Navarro na Secretaria de Educação do Estado em Salvador. Então fui lá para ver se conseguia. Ao encontrar o Prefeito, ele me explicou que há quase dois anos uma professora, Sra. Margarida Passos Lima, havia sido nomeada para assumir as funções na escola Rural de Várzea da Roça e não comparecera. Ele me ofereceu então esta vaga que eu aceitei de imediato.<sup>67</sup>

Assim decidido, a professora Clélia programa a sua viagem. Por falta de um transporte que viesse direto à Várzea da Roça, com muita dificuldade o seu irmão a levou para Mairi lá permanecendo até o dia seguinte, chegando então à Várzea da Roça no dia 08 de abril de 1956.

Relembrando aquele momento, D. Clélia não consegue disfarçar a sua emoção, que é denunciada pela voz trêmula e o olhar saudosos, de alguém que gostaria de voltar ao tempo:



Figura 15 – Prof. Clélia S. Oliveira  
Fonte: Arquivo pessoal

Cheguei a Várzea da Roça no Domingo. Me apresentaram ao Sr. José Mendes que era vereador e ele me levou para a pensão de D. Viturina, Foi até engraçado, porque Domingo era o dia da feira, mas quando perceberam a minha chegada, a feira acabou. Toda a população correu para me receber. Ficou aquele povo todo a minha volta. Todo mundo queria conhecer a nova professora. Foi uma agitação enorme. Naquele tempo um professor formado era uma autoridade importante.<sup>68</sup>

Ela relata ainda que ficou inicialmente na pensão, depois mudou-se para a residência do Sr. Raimundo de Almeida Freitas e finalmente foi morar no próprio prédio escolar.

Assim, no mesmo dia em que chegou a cidade D. Clélia quis logo conhecer o prédio onde iria trabalhar. Qual não foi a sua surpresa ao verificar que o prédio se encontrava em estado de abandono!

<sup>66</sup> BAHIA, Secretaria de Educação, Diário Oficial de 23/03/1956, Portaria nº 1114.

<sup>67</sup> Clélia S. Oliveira. Professora

<sup>68</sup> Ídem

O fato é que após o recesso de final de ano, a população estava aguardando a chegada da nova professora e neste período de cinco meses a escola ficou fechada.

Devido às aulas iniciarem no mês de fevereiro e como a professora só havia chegado em abril, o ano letivo já estava prejudicado. Por conta disso, D. Clélia no dia seguinte resolve organizar a escola para iniciar as aulas de imediato. Os pais e alunos se oferecem para ajudá-la e acontece o “mutirão da limpeza”

Quando terminamos de organizar tudo, conversei com os pais e já fizemos as matrículas dos seus filhos para o funcionamento da escola. Eu queria começar logo, estava ansiosa. Então no dia 10 de abril as aulas começaram.<sup>69</sup>

Inicialmente ela fez provas para classificar a aprendizagem e definir a série de cada aluno.

Programou uma data e avisou a todos os alunos para que se organizassem e fossem fazer as provas.

De acordo ao desempenho de cada um e os resultados apresentados, ela determinou a série que o aluno freqüentaria.

Feito isto, as aulas começaram com grande euforia da turma e muitas perspectivas da população.

D. Clélia nos revela que tinha o hábito de anotar tudo o que era considerado importante, principalmente dados e datas. E assim:

Em 09/04.56, no dia em que cheguei, havia na escola um armário velho de madeira, uma mesa (tipo secretária) do professor e dezessete carteiras dos alunos. Eram aquelas carteiras que sentavam dois e às vezes até três ou quatro alunos.<sup>70</sup>

Recomeça então o trabalho educativo na Escola Rural. D. Clélia lecionava no turno matutino, com uma turma de 50 alunos, cursando da Cartilha<sup>71</sup> ao 5º Ano. A



Figura 16 – Capa dos “exames” finais de um ex-aluno.

Fonte: Valdetudes Gomes/Arquivo pessoal

<sup>69</sup> Ídem

<sup>70</sup> Ídem

<sup>71</sup> Era usada a “Cartilha do Povo” para as séries iniciais

descrição dela em relação à metodologia utilizada, a organização das carteiras em sala de aula, a divisão das séries e a transmissão de conteúdos, veio confirmar a tendência sistematizada de um ensino ancorado no tradicionalismo vigente no país. Prática esta, descrita anteriormente pela professora Adélia.

Vale salientar que agora além de Língua Portuguesa e Matemática, eram ministradas aulas de outras disciplinas como: História, Geografia, Ciências e Educação Moral e Cívica. Vale salientar que todos os livros eram comprados pelos pais dos alunos, que também estudavam à noite. De acordo D. Clélia eles queriam ser alfabetizados para se tornarem aptos a exercerem a cidadania do voto. É mister destacar que a professora exercia um trabalho voluntário neste turno.

D. Clélia demonstrou ser uma pessoa dinâmica, empreendedora e determinada. Ao que parece estas características foram relevantes em todo o período que permaneceu em Várzea da Roça. Inicialmente incomodou-se com o nome da escola e procurou alternativas para tentar resolver a situação. Pensou em um outro nome e só então procurou a pessoa que considerava apta a autorizar a mudança:



**Figura 17 – Escudo da Escola Rural Joana Angélica**

**Fonte: Valdetudes Gomes/Arquivo pessoal**

Não soava bem Escola Rural de Várzea da Roça. Então procurei o Prefeito Alfredo Navarro, e perguntei se poderia mudar o nome da escola. Com a permissão dele passei a usar: Escola Rural Joana Angélica, porque sempre fui uma admiradora daquela heroína brasileira.<sup>72</sup>

Um outro fato que merece destaque foi que ao chegar aqui, e perceber que a frente da Igreja Católica havia desabado, imediatamente mobilizou a população com quermesse e leilões para reconstruí-la. Contratou os serviços do Sr. Teodoro que era pedreiro “e o povo todo trabalhou para levantar a igreja”

<sup>72</sup> Idem



Figura 18 – Igreja Católica na Praça José Coelho (1975)  
Fonte: Lucília Rios / Arquivo Pessoal

Além disso, organizava grandes festas na escola. Todas as datas comemorativas eram festejadas e os desfiles cívicos eram impecáveis.

Pudemos constatar, através do seu “caderno de termos”, a descrição minuciosa destas comemorações:

Aos 7 dias do mês de setembro do corrente ano (1956), comemorei essa preciosa data, em que, o nosso Brasil foi separado de Portugal. Sendo este comemorado da seguinte forma: contos, poesias, parada, etc. (...) terminando os festejos às 10 horas do dia, com o Hino Nacional Brasileiro, entoado pelos presentes. Para constar, eu lavrei o termo que assino.<sup>73</sup>

Porém, a primeira festa que se destacou foi a da “Rainha da Primavera”, muito divulgada na região. Ela escolheu as candidatas e os pais se encarregaram de trabalhar para que a filha fosse eleita. No dia da eleição, havia uma caixa para cada candidata e todos os presentes votavam, colocando um pedaço de papel embrulho, na caixa de uma delas. Ao final era feita a contagem dos votos e a eleita era coroada como Rainha.

Recorrendo às suas anotações, D. Clélia fornece outros dados importantes da sua estadia aqui:

<sup>73</sup> Caderno de anotações da Professora Clélia S. Oliveira

Como companheiros de trabalho, a professora contava com D. Ana que além de responsável pela merenda escolar passou a morar com ela no prédio, fazendo-lhe companhia; também o Sr. José Lima Mendes que além de tudo, era fiscal escolar, e que veio a ser substituído depois pelo Sr. Hermes Gomes<sup>74</sup> nomeado pelo Estado.

Em 1958 D. Clélia casou-se com o Sr. Altino Rocha de Oliveira, filho do Sr. João Jerônimo de Oliveira e Maria Rocha de Oliveira, de Várzea da Roça.

A professora também informa que em 1961, um grupo de retirantes chega ao povoado vindo do Norte do País, fugindo da seca. A comunidade varzeana ficou surpresa, pois eram em grande número e principalmente por serem negros.

Todo mundo estranhou porque as pessoas ali no povoado eram todas brancas não havia negros em Várzea da Roça. Não sei como eles conseguiram as terras, pois construíram suas casas um pouco acima da praça da escola. Todas as casas eram cobertas com palha.<sup>75</sup>

Em 1963 o gestor de Mairi contrata a Sra. Tarcília Evangelista Andrade (professora leiga) para regente da escola. Assim as turmas são divididas e passam a ter dois turnos. D. Tarcília ensina no matutino do "ABC" até a 2ª série e D. Clélia a 3ª e 4ª séries.

Porém neste período, problemas com familiares da Professora Clélia a fazem retornar para Jacobina. Lá fixa moradia e consegue sua transferência para uma escola pública, onde permanece até aposentar-se.



**Figura 19 – Prof. Tarcília E. Andrade**  
Fonte: Arquivo pessoal

Para substituí-la vieram as professoras Arlete e Jane, da cidade de Mairi. Porém não permaneceram muito tempo.

Vale ressaltar que nesta época o Sr. José Mendes e família, não mais residiam aqui. Ele aprendera o ofício de "dentista" com o Sr. Zé de Cristo, na cidade de Várzea do Poço, próxima a Várzea da Roça, e decidira morar lá.

Assim, em 1968, algumas ex-alunas da professora Clélia que haviam

<sup>74</sup> BAHIA, Secretaria de Educação. Diário Oficial, Portaria nº 45/10, em 05/08/1961.

<sup>75</sup> Sra. Clélia S. Oliveira. Op. Cit.

cursado até o 5º Ano, em duplas, assumiam a classe. Como exemplo: Isabel Angélica, Margarida Sales, Antonia Rocha e Ducinete. Portanto, a escola voltou a funcionar com professoras leigas, embora com muita dificuldade, uma vez que as condições físicas da escola eram péssimas.

A escola se encontrava praticamente abandonada. Não tinha quadro-negro, poucas carteiras para os alunos, A situação chegou ao ponto da gente usar a porta da sala como lousa. A gente fechava a porta e escrevia atrás para os alunos copiarem as atividades.<sup>76</sup>

Ela nos relata que enquanto uma professora estava à frente fazendo a explanação dos conteúdos, a outra auxiliava os alunos que tinha mais dificuldades na aprendizagem.

Mesmo assim, a escola continuava promovendo momentos especiais para àquela comunidade, principalmente nas datas cívicas que se transformara em uma tradição na cidade. A esse respeito, a professora Margarida Sales nos informa:

O dia 7 de setembro era sempre comemorado. Tudo muito simples. Os alunos vinham de farda e marchavam ao som de alguns tambores. Os pelotões eram separados pelas bandeiras e eram organizados de acordo a altura dos alunos. Os maiores ficavam na frente e os menores atrás. Era um dia diferente na cidade e todo mundo ia assistir ao desfile<sup>77</sup>



**Figura 20 – Organização do desfile cívico em frente à Escola Rural (1968)**  
**Fonte: Prof. Margarida Sales/ Arquivo pessoal**

<sup>76</sup> Isabel Angélica, ex aluna da Escola Rural, que assumiu a regência de classe.

<sup>77</sup> Margarida Sales, ex aluna da Escola Rural, que assumiu a regência de classe.

Com o intuito de melhorar a educação foi de outras cidades que vierem professoras já nomeadas pelo Governo do Estado. Estas permaneceram naquela escola por um longo período deixando ali sua marca indelével na educação do povo varzeano. Entre outras, podemos citar, Eunice Gomes de Carvalho Silva, que inicialmente assume a regência de classe e depois a Direção da escola e que intermedia a vinda da professora Vanilde Maria de Carvalho. Neste período elas passam a reutilizar o nome Escola Rural de Várzea da Roça.

Porém, anos após, recebiam mais uma colega para somar esforços: Valmira de Araújo Souza, que com a saída da professora Eunice, assume a Direção da escola.

Entretanto, um outro fator veio interferir na trajetória daquele educandário: O crescimento comercial no povoado necessitava de um local mais amplo e adequado para a feira livre. Este correspondia justamente da Praça do Prédio Escolar<sup>78</sup>. Neste intento o prédio da Escola Rural de Várzea da Roça é demolido para dar lugar à construção do Mercado Municipal.



Figura 21 – Mercado Municipal na Praça Alfredo Navarro  
Fonte: Arquivo pessoal

Como era inviável que o povoado ficasse sem uma escola, a Prefeitura de Mairi constrói e faz a doação de um prédio localizado à Rua Leone Rios para a instalação da Escola Rural.

Efetuada a mudança, o quadro de professores e alunos é mantido no

---

<sup>78</sup> Atual Praça Alfredo Navarro

novo espaço. Contudo constatamos que as dificuldades da escola eram, ainda, incalculáveis:

Conforme conversa mantida no gabinete de V. Sa. referente a falta de imobiliário em minha escola (...) uma vez que a situação da escola é lamentável, não havendo carteiras para três salas, onde os alunos se encontram muito mal instalados acarretando assim sérios prejuízos na aprendizagem.<sup>79</sup>

Um outro detalhe que é pertinente aqui registrar, diz respeito ao nome da escola, que mais uma vez sofre alteração. Em 12 de janeiro de 1983, através de ofício enviado à Coordenadoria Regional de Jacobina, a Diretora da Escola Rural, Valmira de Araújo Sousa, comunica ao órgão competente que esta passará a chamar-se Escola Deputado Odulfo Vieira Domingues.

Todavia, as mudanças não param por aqui. Em 1993 o governo do Estado constrói uma escola de grande porte na Av. Dom Mathias Schmidt, para onde é transferido todo o quadro de funcionários e alunado da escola anteriormente citada. Esta recebeu o nome de Escola Estadual Governador Antonio Carlos Magalhães, permanecendo assim até os dias atuais. Desta feita, na direção da professora Vanilde Maria de Carvalho Rios.



**Figura 22 – Escola Estadual Gov. Antonio Carlos Magalhães e o grupo desta Monografia**  
Fonte: Arquivo Pessoal

<sup>79</sup> Ofício 01/79, da Diretora da Escola Rural à Secretaria de Educação do Estado da Bahia

Embora tenha tido uma trajetória difícil e conturbada, foi possível constatar a relevância desta Escola para esta cidade. Muitos alunos que por ela passaram conseguiram vencer profissionalmente com formação em: Medicina, Direito, Psicologia, Enfermagem, Artes Plásticas, Pedagogia, Letras, Engenharia, Ciências Contábeis entre outras.

Resta-nos apenas agradecer àqueles que idealizaram ou contribuíram para a realização da Escola Rural, como também àqueles que somaram esforços para mantê-la, diante das inúmeras dificuldades apresentadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As múltiplas e variadas informações sobre Várzea da Roça no passado, conseguidas através das fontes orais, nos permitiram uma constante elaboração e reelaboração dos dados coletados, ao resgatar as temporalidades, construir uma narrativa histórica sobre a cidade e conseqüentemente a Escola Rural, neste espaço inserido. Neste contexto foi imprescindível a determinação e desejo dos fundadores os Srs. José Mendes, José Cerqueira, José Coelho e José Bastos, que idealizaram e investiram no Projeto de formação do Povoado.

Se hoje temos características de cidadania, o direito de fazer parte do espaço da cidade, não podemos deixar de ressaltar a relevância dos "Josés" nesse processo construtivo. Suas decisões influenciaram nos sonhos daqueles que se identificavam com o local e os apoiavam.

Objetivos foram alcançados resultando em um só: Várzea da Roça. Cidade que busca ainda hoje construir de forma plena tal cidadania e identidade.

No que concerne à Escola Rural, constatamos que aquele primeiro prédio edificado, embora não mais exista enquanto espaço físico permanece "presente" na memória das famílias varzeanas, pelo seu valor imensurável na vida de cada estudante que adentrou através dela, no mundo letrado do conhecimento sistematizado e se realizou profissionalmente.

A cidade evoluiu e com ela os seus municípios. Hoje, vemos a diversidade dentro desse espaço, mas a memória viva faz com que novas metas sejam traçadas e executadas para que os sonhos e lutas continuem aflorando dentro do município com o objetivo final de conquistas de igualdades plenas e, principalmente, a eterna busca de sua construção histórica.

Qualquer que seja o efeito dessa pesquisa perante aqueles que do seu conteúdo tomar posse, não veja a sua conclusão como um fim, mas antes como ponto de partida para um novo começo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Antonio Luiz M. Disponível em: <http://www.socultura.com>. Acesso em: 01/06/2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 5ª edição. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.
- CARVALHO, Rita de Cássia Gonçalves de. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br>. Acesso em: 30/07/2007.
- CASSAB, Antonia Latif. Apud BORELLI. 1992, 81. Disponível em: <http://www.ssrevista.uel.br>. Acesso em 02/06/2007.
- Disponível em <http://www.sfiec.org.br>. Acesso em: 21/06/2007.
- Disponível em: <http://www.carnaúbadobrasil.com>. Acesso em: 21/06/2007.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e Janaína Amado. *Usos & Abusos da história oral*. 8ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- FRANCO, Marcelo. Disponível em: <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br>. Acesso em 20/06/2007.
- GOFF, Le. apud MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. 1994. Disponível em: <http://www.fja.edu.br>. Acesso em: 01/06/2007.
- HAYASHI, Maria Cristina P. Innocentini. Disponível em: <http://www.dci.ufscar.br>. Acesso em: 02/06/2007.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. Cortez Editora, 9ª reimpressão. São Paulo, 1994.
- MEIHY, José Carlos S. B. *Manual da História Oral*. 5ª edição. São Paulo. Edições Loyola, 2005.
- NEVES, Luis José. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br>. Acesso em 25/08/2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Disponível em: <http://www.nuevomundo.revies.org>. Acesso em 02/06/07.

**PROGRAMA PRODUZIR**, perfil municipal 11/97 – Várzea da Roça.

**ROMANELLI**, Otaiza O. *História da Educação no Brasil*. 22ª edição. Petrópolis Rio de Janeiro, 1978. Editora Vozes.

**ROUSSEAU**, Jean-Jacques. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br>. Acesso em: 20/06/2007.

**SAVIANE**, Dermeval. Disponível em: <http://www.divinopolis.eumg.br>. Acesso em: 30/07/2007.

**SOUZA**, José Amilton de. Disponível em: <http://www.senasa.sp.gov.br>. Acesso em: 20/06/2007.

Trecho do referencial curricular nacional para as escolas indígenas Disponível em: <http://www.socioambiental.org>. Acesso em: 20/06/2007.

**VILLANOVA**, Mercedes. Disponível em: <http://www.dci.ufscar.br>. Acesso em: 02/06/2007.

## ANEXOS

1. Requerimento enviado à Prefeitura Municipal na cidade de Mairi, pedindo autorização para pesquisa de documentos em seus arquivos.
2. Requerimento enviado à Câmara de Vereadores na cidade de Mairi, pedindo autorização para pesquisa de documentos em seus arquivos.
3. Requerimento enviado à Diretoria Regional de Educação (DIREC), na cidade de Jacobina, pedindo autorização para pesquisa de documentos em seus arquivos.
4. Termo de posse da Sra. Clélia Silva de Oliveira, para exercer a função de Regente de Classe na Escola Rural de Várzea da Roça.
5. Termo de posse do Sr. Hermes Gomes da Silva, para exercer a função de Fiscal Escolar, na Escola Rural Joana Angélica.
6. Termo especificando as festividades desenvolvidas na escola, nas datas comemorativas do Dia 07 de Setembro e Dia da Árvore de 1956.
7. Lei Municipal nº 148/67, que determina a mudança de nome das praças e ruas da cidade
8. Ofício 01/79, da Diretora da Escola Rural de Várzea da Roça, Eunice Gomes de Carvalho Silva, à Secretaria de Educação do Estado, solicitando móveis para as salas de aula.
9. Ofício 01/83, da Diretora da Escola Rural de Várzea da Roça, Valmira de Araújo Souza, à Coordenadoria Regional de Jacobina (CR11), comunicando a mudança de nome da referida escola.